

Não restam quaisquer dúvidas de que foram os Cónios que trouxeram as açoteias para o Algarve no séc. XII, após a forte erupção do Santorin ter pulverizado a ilha gémea - a Atlântida, como pormenorizei no trabalho “A “KALDERA” DA ATLÂNTIDA” – Fim do Reino Hitita e Migração dos Povos do “Egeo-Pelasgo” para a Ibéria e Itália”- Lisboa Abril de 2010.

As cores das actuais açoteias de Santorini são os mesmos azuis e brancos e idêntico é o fim das referidas açoteias: ver o Mar, apanhar o fresco da tarde e secar resguardado o peixe ou a roupa; no Algarve secavam também o figo e a alfarroba.

Porém, Orlando Ribeiro, Prof. de Geografia da Universidade de Lisboa, Vice-Presidente da União Geográfica Internacional, Doutor Onoris Causa por numerosas Universidades, com obra traduzida em meia dúzia de línguas, escreveu “Geografia e Civilização – Temas portugueses”, com cento e cinquenta páginas das quais cem são tituladas “Açoteias de Olhão e Telhados de Tavira” e, com umas dezenas de desenhos, plantas e fotos filiando as açoteias algarvias nas estepes dos confins do Magrebe.

Este erro não deslustra o mestre que defendeu a interdisciplinaridade, o princípio “não se faz bem Geografia, quando se faz só Geografia. No caso vertente é a História que prevalece e, talvez, o facto de O.R. nunca ter visitado a actual Santorini e nada conhecer do Reino Dório do Algarve.

Esta referência testemunha a falta que faz o não conhecimento da nossa proto-história e os graves erros cometidos por falta de consciência e de ordem a que, sobretudo a usura das religiões e a não cultura dos dirigentes dos povos, conduziram a seu belo interesse as comunidades. A pobreza, aliada do analfabetismo e de uma ética ambiental que preze a vida humana conduz a sociedades de senhores e escravos tendo, após o auge atingido pela Creta Minóica e a posterior civilização Grega, regredido.

Numa recepção oferecida pela Câmara de Vigo, no XII Congresso Ibérico e VII Ibérico Americano de Energia Solar, Set. 2004, o Prof., Catedrático, Doctor Ingeniero Industrial Manuel Vázquez Vázquez, com a presença activa do Doutor Ingeniero, Reitor da Universidade de Córdoba, Antonio López Pinto, acaloradamente, com variedade de “tapas” e vinho Alvarinho, discutimos, irmãmente e com calor alvarinho, qual era melhor - se o Alvarinho da Galiza ou o do outro lado do rio, o do nosso Minho.

Estava eu em situação pouco regular pois, na altura, por mais que tornasse a provar e perante a acérrima defesa de tão grados doutores, nada mais consegui do que uma garrafa para a viagem, oferecida por uma colega do lado de cá...

Este reflexo de irmandade entre dois povos que o rio Minho une, foi ainda expresso no almoço de despedida no Hotel dos Reis Católicos, em Santiago de Compostela.

Assim, hoje, mais do que ontem, os dois povos só têm a lucrar com o T.G.V a uni-los, e brindar com o Alvarinho, de um lado e do outro do Rio Minho, todo o entendimento e união de esforços, para uma vida melhor, baseada em melhor conhecimento do nosso passado, rumo ao futuro.

E mais, tivemos longínquos Pelasgos – Atlantes como nossos avós. O Jus Sanguinis poderá prová-lo.

20 . 1 – O TAUROM E O PORCOM NA RELIGIOSIDADE E NA TRADIÇÃO

Luiz Gonzaga de Azevedo diz-nos:

“...nenhuma nação peninsular, possui, talvez, instituições religiosas tão completas, como as dos Lusitanos.

“ Os arúspices praticavam a adivinhação pela observação das entranhas das vítimas; além disso, o deus Endovélico tinha um oráculo, para manifestar, de algum modo sensível, o que imaginavam vontade do deus, como Zeus tinha o seu, em Dodono, na Grécia, e Amon outro no Egipto. Tais funções exigiam sacerdócio com formação ritual adequada, semelhante ao que se passava entre gregos e Etruscos. (Cícero, De Divinatione, lib ii).

Numa inscrição gravada numa pedra no Morro das Fráguas, local de um antigo castro, perto de Centum Celas, em 1959, pelo Dr. Adriano Rodrigues foi achada uma inscrição alusiva ao javali e ao touro, então venerados, que, na tradução de Rogério de Azevedo, reza assim:

“Até que ponto receia ele olhar?/ Até que ponto pois, para eu ter de ir / com ele olhar o porco, se as folhagens/ eram obstáculo e por si própria, ao mesmo tempo, a peste correria?/ Onde o javali te deixar olhar, então, sim, receia-o/ por que mudando-se em touro/ não sofre haver de correr!”

Transcreve Rogério Azevedo o seguinte texto do Prof. Doutor Santos Júnior:

“Os porcos de pedra ou berrões, constituem, sob alguns aspectos, um enigma no campo da arqueologia peninsular. O único caso que conheço de um berrão ter sido encontrado “in situ”, é o dum grande porco de granito encontrado no “Castelar”, pequeno castro, ou “castelo dos mouros” situado na aldeia de Picote, concelho de Miranda do Douro sobranceira ao rio Douro, que ali serve de fronteira com a Espanha.

Este berrão de Picote, a que falta a cabeça, apareceu em 1952 no meio de um recinto circular com três metros de diâmetro e de parede feita de pedras de granito, a que se seguia um corredor de nove metros de comprimento com as pedras laterais na maior parte derruídas. Segundo informes colhidos poucos dias após o seu achado, o porco estava de pé e com a parte interior voltada para o corredor. A parte circular do recinto foi quase totalmente destruída (!!) aquando do achado e arranque deste berrão que hoje está no Museu Regional de Bragança.”...

Diz-nos Rogério de Azevedo: “Eu creio que valeu a pena fazer esta transcrição pois que a situação destas “divindades” – os porcos – fica esclarecida com esta achega, em que “o espaço circular” foi evidenciado. Santuário em que a forma circular daria vislumbres do halo luminoso do Sol.”

E acrescenta a seguinte nota: “Que perda incalculável foi para a ciência da pré-história a destruição deste espaço circular e a remoção da figura do seu lugar originário! Porque não foi conservado tudo no sítio, consolidado e convenientemente defendido, sendo um caso único que explicava, afinal, alguma coisa?

Como são perigosos os colecionadores e quanto são perigosos os Museus quando, apenas armazéns!”

No Museu do Oriente, inaugurado em Lisboa em Julho de 2008, numa espantosa e riquíssima exposição de máscara de todo o Oriente, uma refiro: VARAHA- Índia –incarnação do deus Vishm em Javali.

“ Os Lusitanos prestavam culto a Marte, sacrificando-lhe o bode, de que se alimentavam, e além disso cativos e cavalos (Maxime capros edunt, et Marti caprum immolant, praeterea que captivos et equos”, Estrabão, ibid., 155.)

Era talvez o Ares trácio, mais tarde admitido no panteão grego, ao qual, segundo testemunho de Amiano Marcelino, os mesmos Trácios sacrificavam prisioneiros de guerra.”

“Outra importante instituição tomaram os Lusitanos dos Gregos: foi a dos jogos públicos, que eram de várias espécies, tendentes à educação física e a formar soldados, como eram os exercícios ginásticos, militares e equestres, o pugilato, a carreira e a luta corpo a corpo.”

...” A vida, que faziam os das arribas do Douro, e os que viviam nos montes, era verdadeiramente espartana”. ... “Colhiam algum vinho o qual dava ensejo a tão duros homens, de mostrar que não eram insensíveis ao comércio e boas relações, pois era bebido em reuniões dos parentes, e o ajustamento celebrado com música, e certo género de dança, em que dobravam os joelhos, conservando o tronco direito e apumado.”

“Guardavam cortesia e respeito aos velhos e aos mais dignos. Também a metalurgia e a cerâmica estavam em grande atraso entre os Lusitanos, o que se deduz de usarem cascos de nervos para a cabeça, couraças de linho, corpos de cera e barcos de coiro. Ainda tinham instrumentos líticos, e algumas armas ofensivas de bronze.

“Contudo, parece que eles devem ter convivido intimamente com povos mais cultos, como eram Gregos, Egípcios e Fenícios, pois deles tomaram instituições e costumes: por ex. dos Gregos, as hecatombes e o modo de casamento, segundo afirma Estrabão; dos Egípcios, o costume de exporem os enfermos nos caminhos, para que lhes receitassem os que tinham tido igual doença, como diz o mesmo geógrafo; e dos Fenícios, provavelmente os sacrifícios humanos, que se faziam em Cartago ou em Gades.”

Gonzaga de Azevedo

Ora, Estrabão, geógrafo grego, autor de *Geografia* descreve-nos, pois, os nossos ascendentes num período de retrocesso, subsequente ao seu estabelecimento no ocidente da Península. Da cultura que tinham tido conservam certas instituições, sobretudo as religiosas, que são as que mais fundamente calam no coração do homem; do mais, tinham perdido; Estrabão nasceu no ano de 58 a.C. já no reinado de Tibério, com a Lusitânia já romanizada, longe do estádio de civilização, atingido cinco séculos antes, quando os Gregos utilizavam a Rota Lusa do Ouro e do Estanho e construíram Centum Cela e o Templo grego de Almofala.

A transição entre estas duas épocas históricas foi dura, por carência de mercadores de ouro e de estanho, pelo isolamento a que foi votado o Ocidente e pelo domínio da usura, mediocridade das elites, governantes e mentalidade religiosa.

20 . 2 – NA CRETA MINHOCA



Fabulosa estatueta, em bronze, da Creta Minóica, pelo seu simbolismo. Repare, a mãe tem um terceiro braço para criar, proteger e acarinhar o filho.

Só por si esta arte abstracta diz-nos da grande capacidade de assimilação dos Pelasgos-Atlantes, pois no Egipto, como na Suméria ou nas ilhas adjacentes, as suas elites primaram por atingir elevados níveis, jamais ultrapassados, não só nas artes; dada a subjectividade do conceito, diremos sem dúvida, dignos da proto-humanização que deles, Pelasgos, herdamos.

Também pertencem aos Pelasgos-Atlantes as belas ciclópicas construções das Portas e muralhas das cidades – daí o nome de Ciclopes, com que Homero nos apelidou. Ainda presentes no nosso devir! Como fazendo parte da nossa Proto-História, se algum dia tivermos capacidade intelectual para a assimilar...

Nesta assimilação da civilização da Creta Minóica ora compreendida, como na localização da Atlântida e na correcta interpretação da Odisseia, descrevendo toda a viagem de Ulisses, de visita aos emigrados Cónios, Túrdulos e Tartessos o mérito é do genial Homero e da deslumbrante mutação que o novo mundo está operando, com a Rússia e a China colocando de lado o Comunismo e a América e o mundo reconhecendo que estamos todos no mesmo barco em que a usura praticada desde há milénios pelas seitas religiosas aliadas aos governos é a grande responsável pela miséria e analfabetismo das populações, mediocridade das elites e actual Crise Mundial.

20 . 3 – A KALDERA DO SANTORINI

«A história da Atlântida, esse continente perdido, desenrola-se entre a lenda e a realidade. A Mitologia e a realidade estão ligadas de um modo inextricável.

Se alguém conseguir separá-los; a solução deste mistério será encontrada; solução pela qual se interessaram vários investigadores e escritores, já depois da época de Platão. Mas a solução do mistério destruirá, para nós, que não somos nem investigadores nem escritores esta legenda tão conhecida e amada que será despojada do seu charme encantador.

...”A legenda da Atlântida, perdida, cheia de charme, encontramos-la em Platão, nos seus Diálogos Timaios e Critias. Ele vai da esfera da imaginação à realidade.

A Atlântida era um país grande e admirável, que dominava as ilhas e algumas partes do Continente. O estado dos Atlantes era o reino que consistia em duas ilhas, a da “Meizonos” e a de “Elassonos”.

“A superioridade deste reino encontrava-se sobretudo na sua civilização e não nas suas forças militares. O reino era constituído por duas cidades. No diálogo de Critias, Platão descreve as duas cidades, “ A Metrópole” e a “Cidade Real”.

“ Seguindo a descrição de Platão, qualquer chega à conclusão que a cidade Metrópole era a ilha Strongylé (La Ronde), a ilha contemporânea de Santorin e a cidade Real era a ilha da Creta Minóica.

O geólogo Angelos Galanopoulos , professor da Universidade escreveu:

”Para aqueles que têm uma ideia vaga das grandes civilizações da época do Bronze, a Atlântida de Platão é representativa da civilização desse período.” e diz-nos que a erupção do Cracataou abriu uma cratera de 33,5 Km² a uma profundidade de 200 a 300 m; a do Santorini a Kratera foi de 83,5 Km² e a profundidade é de 300-400 m; os Tsunami respectivos são 100 m de altura e 210 m para Santorin”

. In “Santorin, Soleil et Lave. Mythologie; Archéologie, Histoire et Guide Touristique. »

Mais informação em F. Braudel, in “Les Mémoires de la Méditerranée” Ed. Fallois, 1998.

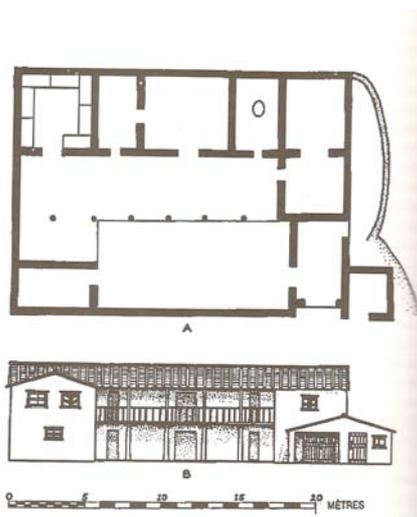
*“Tout se passe comme si l*explosion de Santorin, longtemps ignorée, se plaçait progressivement au premier plan des explications historiques. Que cet événement soit le font de vérité que recouvre la fin de la fameuse Atlantide de Platon – cette île immense porteuse de une civilisation puissante, et qui disparut sous les flots « en un jour et une nuit – C’est ce qu’affirment le petit livre intelligent de Rhys Carpenter (1066) et la thèse très documentée de J. V. Luce, « The end of Atlantis (1969).*

« Ils nous renvoient tous deux au début du Timée de Critias. L’Atlantide, selon le récit du grand prêtre saïte et «les archives des temples » égyptiens, était située tout à l’ouest, au bout du monde connu. Platon lá donc placée naturellement, au-delà de Gibraltar, au milieu de l’océan. Mais, pour les Égyptiens de la XVIII dynastie le plus lointain pays connu vers l’ouest, c’était la Crète. Alors, la fin de l’Atlantide, serait-ce simplement l’adition de deux événements qui se seraient télescopés dans les récits traditionnels : la fin de la puissance minoenne et l explosion de Théra ? «*

– A ARQUITECTURA

É pouco inteligente ou tendencioso, localizar a pulverização sísmica da Atlântida, nos Açores ou qualquer outra ilha do Mediterrâneo, fora deste “Egeo-Pelasgo”, da sua zona sísmica, onde a nossa Proto-História, que é a da Humanidade, aconteceu

– A CASA ÁTICA



“Desenho da construção de uma casa ática”

In “Síntese De História Grega” Claude Mossé e Annie Schnapp-Gourbeillon; Ed. Asa, 1900; Lx.

Fico atónito, esta é a casa de quinta em terras da Beira Baixa e lembra-me de Cervantes, de visita a um amigo em Trás-os-montes, ter sido recebido numa casa-pátio de lavoura idêntica, que muito lhe agradou.

Uma varanda que serve de corredor a todo o primeiro andar, voltada ao Sol e no primeiro piso a adega, a loja dos bois, as arrecadações.

A Ática é uma região da Grécia Antiga, a NE do Poleponeso, tendo por Capital Atenas.

Podemos apelida-la de uma casa obedecendo ao conceito de Solar Passivo, obstando a varanda e a sua cobertura a que no Verão, quando o Sol vai alto, incida nas paredes aquecendo-as e causando mau estar. E no Inverno, o sol baixo entra dentro de casa aquecendo-a. Por outro lado o pátio, preservando a vida familiar, obsta ao incómodo do vento.

Em Conimbriga, cidade dos Cónios, a Casa dos Repuxos, conquanto tenho sido construída pelos Romanos, com a técnica Grega, é um paradigma de conforto, pois, no Verão a evapo-transpiração das plantas e o repuxo faz com que o ar quente e húmido, mais leve que o ar seco à mesma temperatura se eleve na atmosfera, renovando o ar das divisões colaterais.

Esta tecnologia é velhinha de séculos pois temo-la já na Citânia de Sanfins, uma capital castreja, em Paços de Ferreira, distrito do Porto. Evoluiu e vamos encontra-la na civilização Islamita, com palácios com mais de uma dúzia de Pátios de dois pisos, interligados.

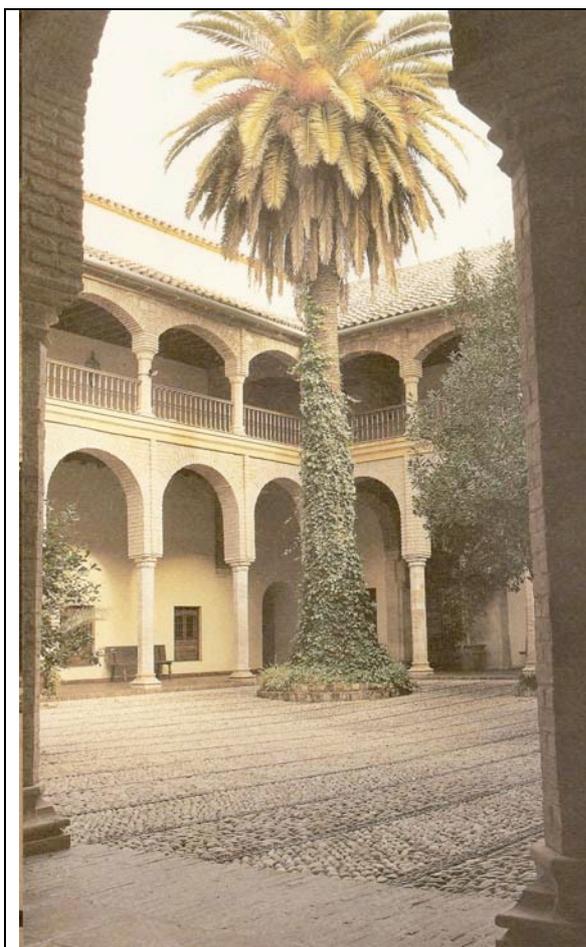
Para termos melhor noção da evolução da Ibéria, temos de referir a poderosa implantação do Islão que ia do Algarve à Índia, passando pela evoluída Pérsia.

A NE de África cresce o Império do Magrebe, com os Mouros ou Sarracenos. São expulsos da Península no séc. XV e de Portugal no séc. XIII O Salão Árabe da Bolsa do Porto é belo paradigma da sua arquitectura.

Em 1453 Máomé III funda poderoso Império com capital em Constantinopla. O Império passa a ter três Capitais: Bogota, Córdova e Cairo. Córdova construiu enorme mesquita, no meio da qual

Carlos V autorizou a construção de uma catedral Católica. É do outro lado da rua, frente ao rio Guadalquivir, que nesta cidade das laranjeiras perfumando a cidade se situa este Palácio de Congressos, com vários destes pátios. Na cidade há um destes palácios com quarenta Pátios, ajardinados e para que no cálido Verão a evapotranspiração provoque a elevação do ar húmido – mais leve que o ar seco à mesma temperatura, refrescando os interiores. Nos palácios portugueses é comum este sistema denominado Solar Passivo. Perto de Córdoba a Arqueologia descobriu vasta estrutura de Povoado com grandioso Palácio.

21 . 1 – O ISLÃO E OS SEUS PALÁCIOS



Córdoba, na Andaluzia Espanhola com o Rio Guadalquivir a refrescá-la, tem a famosa Mesquita, iniciada em 785, tendo Carlos V autorizado a construção de uma Catedral católica no meio do mar de colunas. Mais tarde quando a visitou disse-se arrependido.

Este ângulo de um Palácio de Córdoba, do outro lado da rua da extensa e famosa Mesquita, foi construído em 1512 para Hospital Maior, durante 200 anos e a partir de 1980 passou a Palácio de Congressos e Exposições.

Os claustros de arquitectura mudéjar e a capela de estilo Gótico, os arcos dos pátio a que a vegetação embeleza, destacando-se os capiteis e as pilastras convidam ao diálogo e à comunicação.

Apreciamos bem este reconhecido Património da Humanidade num Congresso a que estive presente, nesta cidade de ruas cheias de pátios e do perfume das laranjeiras em flor, dos passeios.

O Organizador deste Congresso Doctor Ingeniero António Lópes Pinto, inquirido como devíamos tratá-lo responde pronto: António.

Não devemos esquecer que o Islão ia do Algarve à Índia, passando pela Civilização Pérsia. Maomé dizendo-se profeta e inspirado por Deus, destrói a idolatria do Cristianismo e reúne os seus Dogmas no Alcorão.

No séc VII sofre a influência da arquitectura Bizantina e, a partir do séc. IX, Bagdad, Córdoba e o Cairo atingem o maior esplendor cultural e científico.

Na vizinha Espanha Al Andaluz torna-se um progressivo estado multiracial com cristãos convertidos ao Islão, muçulmanos e judeus, atingindo a agricultura elevado nível.

A herança da civilização Grega só veio a ser transmitida à Europa Ocidental por intermédio dos Árabes, tradutores e continuadores. Em Medicina, Antropologia, em Geografia, em Matemática, em

Arquitectura os Frange beberam os conhecimentos nos livros árabes que eles assimilaram, imitaram e depois superaram. Quantas palavras nos dão ainda testemunho disso: Zénite, nadir, azimute, álgebra, algoritmo, os mais simplesmente algarismo.

Tratando de indústria, os europeus retomaram, antes de os melhorar, os processos usados pelos árabes na fabricação do papel, no trabalho do couro, no têxtil, na destilação do álcool e do açúcar – mais duas palavras retiradas ao árabe.

Tão pouco se deve esquecer até que ponto a agricultura europeia se enriqueceu igualmente ao contacto com o Oriente: alperces, beringelas, chalotas, laranjas, melancias.... A lista das palavras árabes é interminável.

A Ocidente, como a Oriente, o factor maior da criminalidade e o subdesenvolvimento é a falta de instrução. Dessa falta de elites e analfabetismo popular surgem as abomináveis Cruzadas e a Oriente as guerras Santas iam desencadear longos séculos de decadência e de obscurantismo.



Desde sempre a mulher, na Creta – Minóica foi respeitada como mãe e como Deusa da Fertilidade, da Terra e da evolução humana, no extraordinário período do crescer da humanização, dos Castros à Queda de Atenas.

A este dinamismo cultural de assimilação de culturas, do belo esplendor conseguido: na Arte, na Filosofia, no desabrochar das Ciências – esse dinamismo e saber de experiência feito foi abruptamente substituído pelo estagnar do misticismo, nada mudando durante milénios de opressão e usura, cada vez mais violenta; ainda nos nossos dias fazendo crer que se com uma cintura de bombas flagelarmos o inimigo, no céu estarão uma dúzia de mulheres virgens à espera do herói!

Os dirigentes com palácios, usura, ouro, aquecidos pelo poder político, o povo rezando a sua ignorância de há milénios, sem ordem que proporcione trabalho e uma vida digna da operada evolução da humanidade, da dignidade da pessoa humana.

Nos tempos recentes, Hitler organizou o sinistro estado, à imagem da Companhia de Jesus, e conduziu o seu rebanho para a hedionda matança de seis milhões de Judeus. Na Rússia imperou Lenine, Estaline; na China Mao-Tsé-Tung, após a 1ª Guerra Mundial – ambas puseram de parte tal totalitarismo, após milhões de mortes, e surgem hoje como grandes potências de futuro. Só o nosso atraso justifica termos ainda o maior partido comunista da Europa e seitas religiosas, abundantes, a condizer.

– A CAMINHO DA FONTE

Quando, cerca de 1970, a Associação de Municípios da Cova da Beira, num plano de Desenvolvimento Regional, pensa inserir a criação do ensino superior, e neste a modernização dos Lanifícios, num rasgo de intuição, o Grupo de Trabalho desloca-se a Tarrassa, junto a Barcelona, para ver uma poderosa Indústria de Lanifícios, no desenvolvimento regional.

Do Grupo de Trabalho fizeram parte Duarte Simões, o primeiro Reitor da UBI, Prof. Santos Silva e outros que não recordo.

Foi nos livros do Duarte Simões que encontrei “Breve História de Tarrassa”, que nos diz que eles sabem donde lhes veio o tear e o que é que os novos emigrantes mais lhes trouxeram.

Interessante livro de divulgação: “**Breve História de Tarrasa**”, de **J.M. Danenech**, onde confirmo que esta próspera cidade da Catalunha nasceu de um povoado Ibérico.

Povo **ganadero** e agrícola que dominou também a indústria têxtil ...”sobre a colina que formam as profundas torrentes de Valparadis, existiu um dos numerosos povoados ibéricos das nossa redondezas”.

Os novos emigrantes vinham dos Hítitas, que cerca de 1200 a.C. fugiram da Anatólia, da Federação de Cidades-Estado do Reino Hitita do III e II Milénio, que nessa data sofreram fortes convulsões sísmicas, anos de seca, seguidos da pilhagem dos “sea peoples” e da invasão dos Dórios, os homens da Idade do Ferro.

...”A cultura Ibérica trouxe inovações e formas de trabalhar, modificando o espírito e os costumes de tal modo que surgiu uma nova civilização: a dos Iberos... Já conheciam a escrita, servindo-se da moeda; aperfeiçoaram-se no trabalho do ferro e iniciaram o uso do torno no fabrico de cerâmica.” Diz-nos o referido documento.

Interessou-me saber que, depois dos Etruscos, na costa italiana, logo aqui, começaram os ditos Iberos a povoar a Península; usavam um tear muito simples “*formado por dois paus verticais cravados no solo, sustentando toda a estrutura. Teciam à mão, fio a fio, toda a teia.*” “*Parece-se muito com o tear romano.*” No entanto, acrescento eu, é um pouco mais velhinho – cerca de um milénio! Veio com os Hítitas, com os Cónios, Tartessos, Túrdulos, Etruscos (para as nascentes do Rio Iberus e; só os Etruscos ficaram no Norte de Itália.

Esta nova colonização dos Iberos confirmo-a no Mapa “Espagne Ancinne”, par Delamarche, pois no interior de Tarrassa fica a bacia hidrográfica do Rio Ebro, rio que os Iberos, depois, Turdetanos ou Túrdulos, denominaram: Rio Ibére (no mapa *Ibère f.*)

Também em Sagunto, no interior, numa bifurcação do rio Turis (ainda hoje se chama *riu Turia*) está assinalada *Ville de Turdetans* – o actual povoado deve ser Domeño, entre Losa e Chelva, perto do Pântano do Generalíssimo. Terras que foram de Iberos e de Túrdulos.

22 . 1 – ZAZINTO – SAGUNTO

No Mediterrâneo, um pouco a Norte da actual Valença, num peitoril de pedra, que cercava as três lagoas do porto de Sagunto, postas em comunicação com o mar por um comprido canal, situou-se a antiga Zazinto, Sagunto, no tempo de Hannibal, que a invadiu.

O rio que separava a cidade da campina, diz-nos Vicente Blasco Ibañes, era o Baetis- Perkes; no meu Mapa Espagne Ancienne, par Delamarche, no delta, o canal une o rio Turia que passava por Valencie ao Turulis de Sagunto.

Este mapa esclarece-nos melhor sobre esta região: como anteriormente já referi, o nome de Ibéria veio-nos da primitiva, a Sul do mar Negro, entre este e o Mar Cáspio, nas nascentes do Tigre, Eufrates e do Kiro e o Araxes, estes desaguando no Mar Cáspio.

São ambas terras de entre-os-rios, de onde partiram as etnias que povoaram a Península Ibérica. Debruçando-me sobre a referida carta vejo, tal como refere Blasco Ibañes, os Tudetanos na região de Sagunto. E já na bacia hidrográfica do Tejo, os Celtiberos, de Toledo ao rio Ebro, cujo primitivo nome foi Iberus.

Este autor, B. Ibañes, revela-se um mestre em antropologia cultural, no seu trabalho “ A Cortezã de Sagunto”, de Setembro de 1901.

Tal como com os Etruscos atrás referidos, os Tartessos e os Cónios, estes são os novos povos da invasão dos Iberos, vindos da Ibéria Hitita e, como eles, dedicaram-se às actividades de base agrícola e à exploração mineira, numa época e numa zona de idênticas características – como ressalta do estudo feito por Blasco Ibañes; conquanto se trate de literatura romanceada, a qualidade da pesquisa efectuada é deveras notável e expressa por mão de mestre.

...”Que motivo existe para vivermos como se fossemos cães e gatos, no seio desta Zazintho, outrora tão tranquila e laboriosa?

– Soberba e a riqueza dos Gregos... – Sim, já conheço essa razão. O ódio entre Iberos e Gregos; a crença de que estes, pelas suas riquezas e sabedoria, dominam e exploram aqueles... Como se na cidade existissem realmente Iberos e Gregos!

– Iberos são os que estão atrás dessas montanhas que nos cerram o horizonte; grego é esse homem que vimos desembarcar e que aqui vem atrás de mim; mas, nós outros não somos mais do que filhos de Zazintho, ou de Sagunto como queiram chamar à nossa cidade.

Somos o resultado de mil encontros por terra e por mar, e Júpiter ver-se-ia em apuros para **dizer quem foram nossos avós.**”

– “Desde que a Zazinto lhe mordeu a serpente nesses campos e o nosso pai Hércules ergueu as grandes muralhas da Acrópole, que poderá marcar as gentes que aqui têm vindo e aqui têm ficado, apesar de que outros chegaram depois, para lhes arrebatarem o domínio dos campos e das minas?

“Aqui vieram as gentes de Tiro, com as suas naves de vela vermelha, em busca da prata do interior; os marinheiros de Zante, fugindo com suas famílias aos tiranos do seu país; gentes de Ardêa e de Itália, que eram poderosas nos tempos em que ainda não existia Roma; Cartagineses da época em que pensavam mais no comércio do que nas armas...E eu sei lá quanta gente mais!

– “É ouvi-lo aos pedagogos, quando explicam a história no pórtico do Templo de Diana. Eu mesmo sei, acaso, se sou grego ou ibero?

Meu avô foi um liberto da Sicília, que veio aqui tomar conta de uma olaria. **Minha mãe era uma Lusitana, que chegou em uma expedição, para vender ouro em pó a uns mercadores da Alexandria.**

– Eu limito-me a ser Saguntino como os demais. **Os que se consideram Iberos em Sagunto, acreditam nos deuses dos Gregos; os Gregos adoptaram, sem que o sintam,**

muitos costumes ibéricos; julgam-se diferentes porque dividiram a cidade ao meio e vivem separados; as festas são porém as mesmas, e, nas próximas Panathêas, verás juntas com as filhas dos comerciantes helénicos, as dos cidadãos que cultivam a terra...

– Dividia-os a disputa entre Cartago e Roma...”

Estas são páginas da história da Ibéria que ditaram a nossa índole, o nosso fundo temperamental, tendo aqui, como na Cova da Lã, Território – Museu, idêntica génese e até idêntico fim, com o cilindrar das Legiões Romanas.

É no domínio da antropologia cultural, da sua personalidade base que deve incidir a investigação destas comunidades; como o fez Jorge Dias que, com cuidadoso trabalho, nos diz que o carácter expansivo do povo português **“tem raízes bem fundas no tempo, se nós quisermos lembrar a cultura dolménica, que, segundo grandes autoridades, teve como centro de difusão o litoral português nortenho”**; (cita H. Obermaier e Garcia Y Belido **“El Hombre Prehistórico y las Orígenes de la Humanidade”**, Madrid, 1944.)

Também, Leite de Vasconcelos:

“Grande parte dos nossos costumes, superstições, lendas, isto é, da vida psicológica do povo, datam do paganismo; numa palavra, quando estudamos qualquer elemento tradicional da humanidade social, achamo-nos constantemente em estreita relação com o passado ainda mesmo com o mais remoto.”

Está na investigação, menos cuidada, deste nosso passado remoto, o grande pecado dos nossos arqueólogos e historiadores.

Vale a pena referir estas palavras do nosso antropólogo: **“Enquanto a cultura local tem carácter quase ecológico e resulta do conflito entre a vontade do homem, o ambiente e a tradição, a cultura superior transpõe esse conflito para o plano espiritual, porque o elemento ambiente natural é substituído pela história”.**

Ao estudarmos a história da nossa paróquia, não podemos prescindir de a integrar no seu ecossistema, referenciar o tempo e integrar o conjunto de matrizes inovadoras que das migrações do Oriente assimilamos, revelados pela investigação da história global da evolução humana, à luz dos novos conhecimentos.

Foi, de facto, o Si (self) ariano a inocular a história no nosso peculiar ecossistema – *at Lusitania ... que Mare Atlantiquum Spetat* – mutação cultural que então sucedeu em todo o colar que abarca a Europa. “É necessário “tomar partido pelo essencial”... “sem juízo a História perde interesse”.Hegel

Ao reler estes capítulos, verifico que não fui suficientemente esclarecedor, à luz dos actuais conhecimentos sobre a nossa Proto-História. Assim nasceu o seguinte.

22 . 2 – QUEM SOMOS E DONDE VIMOS

Nós descendentes dos Cónios, Túrdulos e Tartessos; os vizinhos Galegos dos Castros, as gentes de Salamanca (Tarraconeses e Túrdulos); os Earras das nascentes do rio Iberus; os pioneiros da Sardenha e do mar Sardun; os Etruscos da bela Toscana de hoje, como os Albaneses, e os Judeus de má sina – **todos os avós destes povos foram os descendentes dos Pelasgos – Atlantes da Creta–Minóica, da Atlântida, do Egeo-Pelasgo, que incluía o Reino Hitita do III-II mil.**

A todos corre ainda nas veias o sangue da Nossa ancestral Mãe-Negra da zona Atlântica que na extensa Cordilheira do ATLAS, em evoluídas pinturas rupestres, incluindo a imagem de barcos Egípcios, nos deixou elucidativo testemunho da sua evolução.

Pedi há dias a dois netos para levantarem as camisolas, e vi dois peitos peludos, o mesmo sucedendo nos braços e pernas. E nós, portugueses, temos ainda nos dias de hoje, de Norte a Sul do País, mulheres com abundantes pelos nas pernas e...bigode!

Que fizeram os nossos antropólogos e historiadores, para constatarem a nossa intensa miscegenação e os resultados dela, naturalmente obtidos? Nada! Porquê????!!!

Talvez porque um professor Inglês tenha revelado., nos dias de hoje, que:

“O povo português, com toda a sua colossal ignorância e ausência de instrução é um dos povos mais civilizados e inteligentes da Europa.”

Aubrey Bell

Vale a pena referir, embora com os meus poucos conhecimentos, alguns dados do destino que coube aos referidos povos, que a Grécia Arcaica bem assimilou.

Julian Huxley, Secretário da Unesco, cerca de 1946, lembra que “a tarefa principal que se coloca à humanidade dos dias de hoje parecia ser a de ajudar à construção de uma história do pensamento humano, especialmente dos seus mais altos feitos culturais”

Está, assim, sugerindo um novo conceito de história, sem descurarmos a Proto-história.

Federico Mayer, também director da Unesco, no prefácio da História da Humanidade (1989) diz mais:

“A nossa civilização é a única cujo passado é o passado do próprio mundo, a nossa história é a primeira história do mundo,



Esta é uma das muitas placas que os Cónios, Tartessos e Túrdulos – **Pelasgos- Atlantes**, vindos da Civilização da Creta Minóica após a colossal explosão do Santorini, que pulverizou a Atlântida – espalharam pela Lusitânia a partir do séc. XII a. C.

Possivelmente Conímbriga foi fundada pelos Cónios e a denominada língua do Algarve é a língua, aparentada com o Etrusco, deste e outros povos, também fugidos do Egeu, pela mesma razão. Os Etruscos com mais sucesso - pois refizeram uma poderosa marinha, dedicaram-se à metalurgia e na privilegiada situação geográfica estruturaram a Toscana. Roma conquistou essa marinha e civilização e, breve proclamava “Delenda Cartago” ...

Apresentei uma comunicação sobre este assunto no 13º Congresso do Algarve-2007: “A Água e a escrita do Algarve no Reino Cónio do séc. XII a. C.”, pub. do Racial Clube.

– “at Lusitânia ...que mare Atlanticum spectat”

(Pompólio Mela).

Heraclito, no séc. VI a.C.: “embora o logos seja comum a todos, a maior parte vive como se possuíssem um pensamento particular”, afirmando ainda: a erudição não ensina a ser inteligente, pois, se assim não fosse, Hesíodo, Pitágoras, Xenófonos e Hecateu também seriam inteligentes” (540, Éfeso)

A luz do espírito vêm de muito longe. E, para investigar o passado, a qualificação primeira será a persistência, a determinação, ganhando capacidade de ordenar enorme acervo de informação e nela encontrar condições de relação, numa interpretação racional; ajudando a leitura de Descartes e de Espinosa, também.

Na proto-história, as Terras dos povos Lusos foram procuradas por povos, vindos do Norte de África e depois regressados após a violentíssima explosão do Santorini; cerca do séc. VI a.C. pelos colonos da Magna Grécia de então, na mira do ouro e do estanho, deixando os gregos poderosas “marcas”, arquétipos notáveis da Arquitectura, só agora exumados, usos e costumes.

Almeida Garrett, um dos nossos primeiros e raros escritores a interessar-se pela antropologia, em *Viagens na Minha Terra*, ao falar de uma altercação para os lados de Almeirim, entre os homens dos toiros e os Ílhavos – bela e poética figura de homem – diz-nos: “Em vez do calção amarelo e da jaqueta de ramagem que caracterizam o homem do forçado, estes (os Ílhavos) vestiam o **amplo saiote grego** dos varinos, e o **tabardo arrequifado siciliano** de pano de varas. O campino, assim como o saloio, tem um cunho da raça africana, estes **são da família pelasga: feições regulares e moveis, a forma ágil**”.

Com percepção idêntica à de Almeida Garrett, poderei afirmar que o saiote dos Pauliteiros de Miranda e a Capa de Honras, bem como as danças e as máscaras por aqui usadas vieram da iconografia oriental, trazidas pelos proto-gregos que aqui se fixaram, para explorar o ouro e o estanho c. séc. VI a. C.; os mesmos que edificaram C.C. e o Templo grego de Almofala.

Em que fundamento essa percepção? Em factos históricos, em “marcas” vivas, nas festas comemorando os solstícios, na esperança redentora que o crescer dos dias traz, no amor ao vinho, à dança, ao sol, que rege a vida do campo; na descoberta do **trilho**, essa máquina genial para a debulha, na casa – pátio.

O nome Cércio, de uma freguesia anexa à de Duas Igrejas, onde os Pauliteiros reinam, vem de Cércion, da mitologia grega. Cércion foi nome de um bandido, nascido nos arredores de Elêusis, a Oeste de Atenas, filho de Posídon e morto por Teseu, herói grego, filho de Egeu, rei de Atenas.

Teseu, guiado pelo fio da jovem Ariadne, filha de Minos, conseguiu matar o célebre Minotauro que se alimentava de jovens, tendo-lhe sido dedicado o belo Templo de Teseu, a NO da Acrópole.

Curioso é, também, o facto de o motorista que me leva a Miranda do Douro ser Cércio de nome. Elucida-me: “Toda a minha família do antigamente, natural desta região, é Cércio.”

**– NA ROTA LUSA DO OURO E DO ESTANHO
COM O N° de OURO E A DIVINA PROPORÇÃO**

*“Nunca se puede hacer la stória duã Tierra se nun houbir papels i
cousas achadas que proben la berdade.”
(dito Mirandês)*

O facto de nas ruínas de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo) – a antiga capital dos Lancienses Transcudanos, segundo povo mencionado na Ponte Romana de Alcântara – termos reconhecido um Primitivo Templo Grego da mesma época que Centum Celas, que datei de c. séc. VI a.C., a persistência através dos séculos de costumes pagãos e de numerosas outras “marcas” da civilização proto-grega (algumas já ligeiramente referidas) leva-nos a poder afirmar que o poder do ouro e do estanho de então, traçou por aqui a sua rota.

As dantescas arribas do Douro e do Águeda, desfiladeiros alcantilados, escavados ao longo de milénios, habitat do grifo, da águia real, do abutre do Egipto, da cegonha preta, do pato real e de outras variadas espécies da cadeia trófica, com imponência telúrica, separam a *Ruta de la Plata* e a Espanha, da Rota Lusa do Ouro e do Estanho; e são testemunho do carácter atlântico das Terras da Lusitânia.

A Rota Lusa do Ouro e do Estanho vêm das terras da Galiza, da Civilização Castreja do Noroeste e de terras dos Pauliteiros de Miranda, pela Terra Quente dos vales dos rios Sabor e do Tua; continua pela Terra Quente do Côa, rumo a Calábria e ao Templo Grego de Almofala, a Lancie Oppidane (Guarda), a Centum Celas e Mérida, em V com o ramo superior da Ruta de la Plata (Gijón, León, Zamora, Salamanca, Cáceres, Mérida, Sevilla, Cádiz) – formado um Y com o pé no Porto de Cadis. O nome de Cádiz vem de Kadesh e tal como o de Rio Anas e Rio Bétis foi trazido pelos Cónios e Tartessos.

Vamos ao encontro de Senna Martinez e de Castro Nunes:

“Por outro lado, as ligações com a Andaluzia e Baixo Tejo, indicadas pela presença de olaria com ornatos brunidos em S Romão (Ibid., 116) e de fragmentos com decoração incis, pós-cozedura no povoado de Carambolo, Sevilha (Mata Carriazo, 1973) parecem substanciar-se face à distribuição das estelas decoradas estremenhas (Almagro, 1966) e nomeadamente, dos dois novos exemplares descobertos na Beira Interior (Curado, 1984 e 1986) que parecem dar razão à hipótese de Castro Nunes de um corredor comercial ligando as áreas produtoras de estanho e de prata do Centro e Noroeste de Portugal e Galiza com esta região do Sul, fulcro do desenvolvimento do mundo Tartéssico. (Nunes, 1960; Nunes e Rodrigues, 1957).

Não podemos, as entidades oficiais e o povo português, no futuro, deixar de in loco – na “Enigmática Torre de Centum Cellas” e na capital do Pais, no granito e no cobre, registar este marco imorredoiro da Infância da Humanidade. É preciso ver e saber ver. Almada Negreiros já nos disse isso no Painel do atrio da Fundação Gulbenkian, em Lisboa.

Devemos o N° de ouro e a Divina proporção a Pitágoras que, a conselho de Talles de Mileto, visitou o Egito para “estudar os seus grandes segredos e para aprender mais sobre Matemática e Astronomia com os sacerdotes.”

...Por volta de 520 a.C. Pitágoras foi ao Egito e os relatos dessa época sugerem que ele visitou muitos dos templos e participou em discussões com os sacerdotes... ..

“Por volta de 520 a.C. regressou a Samos. Pouco depois do seu regresso fez uma **viagem a Creta** para estudar o sistema local das leis. Depois foi para Cróton e fundou uma comunidade religiosa chamada “O semicírculo” com um círculo interno de seguidores conhecidos por mathematikoi.

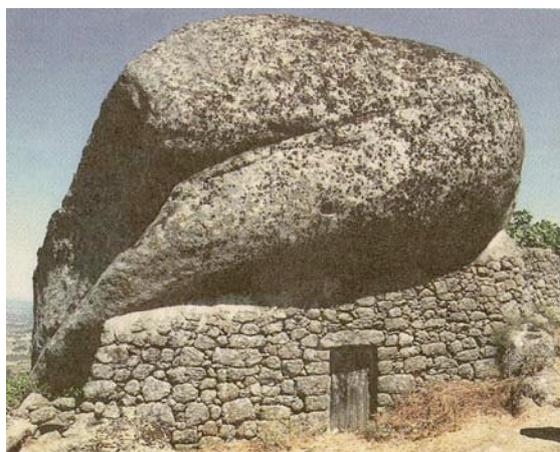
Os mathematikoi viviam permanentemente em comunidade onde eram ensinados por Pitágoras. Não tinham bens pessoais e eram vegetarianos. Finalmente, Pitágoras e todos os seguidores foram banidos de Samos por um grupo opositor, e ele e os seus seguidores deslocaram-se para Metaponto, uma cidade do sudeste da Itália que tinha sido colonizada pelos gregos dois séculos antes. Foi aí que Pitágoras morreu.”

PRYA HEMENWAY in “O CÓDIGO SECRETO - A forma misteriosa que governa a arte, a natureza e a ciência.”

Este belo e eloquente trabalho considera misteriosa a forma que governa a arte... o curioso é a ignorância nacional ter designado de enigmática a nossa Torre de Centum Celas.

Porém já não é enigma um povo provinciano não conhecer o mais belo paradigma da sua história, tal como os Palácios da Creta Minóica – contendo também o n° de Ouro e a Divina Proporção o são da nossa Proto-história, que o é, também, da Europa e da Humanidade.

Mais vale tarde do que nunca e as nossas Universidades enveredaram já pelo bom caminho ensinando os nossos professores, neste Novo Mundo que tal como os nossos Pelasgos-Atlantes na Sardenha e no “Egeo-Pelasgo” ensinaram aos gregos o saber de Experiência feito, assimilando-o e entregando ao desenvolvimento da espécie a forma Grega de pensar, ainda hoje seguida pela Investigação Científica.



Casa – Abrigo de pastor na Serra

Tal como na Vila de Monsanto, para os lados da Idanha, onde podemos encontrar nas ruas da Vila pitorescas casas deste tipo, na Serra da Estrela só os pastores da transumância se lembraram de construir duas ou três, que resistem ao passar dos séculos, lembrando com positiva beleza um passado que durou séculos.

Também faz parte da Civilização do Granito!

– A “ENIGMÁTICA” TORRE DE CENTUM CELAS E OS GLACIARES, VINDOS DOS KANTHAROS

“... a arte é a própria linguagem muda com que, através dos tempos, a natureza tem falado ao homem.”

Já depois de ter investigado o “Casarão da Torre”, perto de Figueira de Castelo Rodrigo, e ter concluído tratar-se dum Primitivo Templo Grego; consultando Vitruvius- Livro II, Cap. VIII, pag. 49, H. Rua, in *Os Dez Livros de Architectura de Vitruvius*, IST., verifico que, no Pódio do Templo, o aparelho é composto de fiadas regulares de isódomo rectangular seguido de silhar – silhar é a pedra lavrada, com duas faces quadradas, disposta perpendicularmente à parede, para a travar, produzindo belo efeito.

Venho a encontrar este belo aparelho da arquitectura grega no bem conservado Castelo de Santo Estêvão, perto de Chaves e numa das Torres de Pinhel, onde foi enxertada uma janela Manuelina.

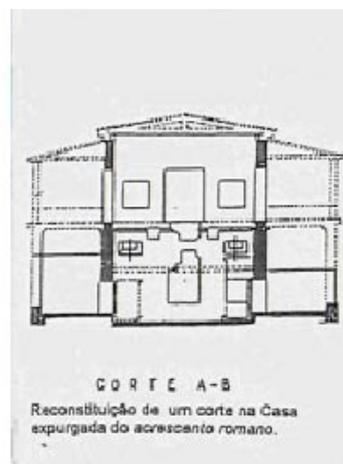
A arte é a mesma, o tempo também. Investigar é ordenar conhecimento. ...” na fria luz que precede a madrugada, na antemã, confuso nada,” (Fernando Pessoa)

A “Enigmática Torre de Centum Celas” arquétipo notável que, com O Templo Grego de Almofala, cerca de Figueira de Castelo Rodrigo, foram erguidos cerca do séc. VI a. C., na Rota Lusa do Ouro e do Estanho, por arquitectos e gestores da Sociedade Esotérica – vinda da então pátria da Ordem Dórica da Arquitectura Grega – *a Magna Grécia*, no Sul de Itália, com Pitágoras aí emigrado, depois de uma longa estada no Egipto.

Durante a colonização exercida, os membros da referida Sociedade terão subido o Vale Glaciar do Zêzere e baptizado com a palavra ***Kántháros*** os três grandes fraguados onde nascem o Zêzere, o Mondego e o Alva.

Sublime Metáfora, relacionada com o “*sopro de Zéfiro*” que c. 1200 a.C. Ulisses detectou nas Hespérides dos Pomos de Ouro, visitando já o Palácio do Rei Alcino, nos arredores de Ulissipo, com Cónios, Túrdulos e Tartessos, poucos anos antes regressados à Primitiva Pátria dos Pelasgos-Atlantes.

Dados que Homero, minuciosamente relata no final dos Canto V e VII e IX como noutra lugar pormenorizo.



Esta é a “Enigmática” Torre de Centum Celas, jóia da coroa, que a incrível teimosia do IMPAR diz Romana, nada respeitando o muito trabalho que, cerca dos anos cinquenta, do Arquitecto Calais, da C.M.C. – minuciosamente mediu e desenhou, cotou, procurou razões de simetria encontrando nela o nº de ouro e a divina proporção, deixando-nos trinta folhas de minuciosos desenhos, concluindo que **“seria talvez egípcia, nunca romana”**.

A filha, em memória de seu pai, manda publicar o referido trabalho com o título “A Geometria de Centum Cellas” Ed. de Florinda Marthe Calais, 1984.

O trabalho completo que em C.C. vi, como casa, aproveitando o solar passivo, fez com que estudasse o Primitivo Templo Grego de Almofala, também levemente tratado pelo IMPAR, já lá vão uma dúzia de anos: Apresentei durante esse tempo, o estudo de ambos, em Congressos Internacionais, da especialidade em Lisboa, Córdova, Vigo e Algarve. Nem assim...

A arte é actividade ímpar do espírito, de complexa leitura. Para Aristóteles a arte grega não é pura sensação e tem como características mais importantes a ordem, a simetria e a limitação. Kitto concilia estes predicados com o brilho, a imaginação e a paixão.

A arte grega é essencialmente popular, pretende instruir e ser útil. Para Platão a missão do arquitecto,

“é produzir corpos que não existiam antes.”...“aquilo que eu entendo por beleza não é o que a gente comum entende geralmente por este nome, por exemplo, a dos objectos vivos ou das figurações deles; é, pelo contrário, alguma coisa de rectilíneo e de circular, a superfície de corpos sólidos composta por meio do compasso, do cordão e do esquadro.”

A primazia do conceito, o desejo de transcender a condição humana pela arte, o cunho estético inconfundível a coerência, a eurtímia da arquitectura grega levou Platão e exigir do observador:

“Que ninguém entre aqui, se não for géometra.

Sobre a Serra: Em meados do século dezoito, o Vigário de Manteigas no Dicionário Geográfico de P. Luís Cardoso, Lisboa, 1747 faz-nos a seguinte descrição do Zêzere, o rio da Cova da Lã que desce dos Cântaros e, por entre Serras, chega à vila de Constança que o atraíçoa, chamando-o ao Tejo.

“No tempo do Verão, passa-se este em muitas partes a pé enxuto por diminuírem muito as águas; porém, no Inverno, tanto as muitas águas que para este correm dos eminentes montes, como o áspero do sítio, o fazem tão espantoso e temerável, para quem o ve de longe lhe está fazendo caranca de sorte que não servindo nesta vila para frutificar fazendas, serve para no tempo dos invernos, levar com seu feroz e áspero curso todas aquelas que pode abranger e por este fim não é capaz de embarcações.

“E na distância de quatro a cinco léguas, por minus ve, é de curso muito arrebatado em todo o tempo. Corre de este de Poente para Nascente vai virando sobre o Sul. Frutifica este com grande abundância, no limite desta vila, muitos peixes a que chamam trutas, e algumas da grandeza de um sável ordinário e dele se tem visto muitas que tem o peso de quatro q cinco arráteis, suposto são os menos; estas têm umas pintinhas vermelhas, sobre a pele, e são especiais no gosto, e pela sua especialidade, diversas das que se criam em maia rios que correm nestas cinco léguas à roda, e fora desta vila uma légua, e dahi para baixo, cria outras castas de peixes, que chamam bogas e bordalos também em abundância.

As pescarias que nele se fazem de ordinário são no Verão, por neste tempo correr mais sossegado, nas suas águas, e consentirem os seus açudes serem penetrados pelos pescadores, e irem as águas mais moderadas na friura ou frieza. Em toda a parte se pode pescar, livremente,

sem embargo de pessoa singular. Logo abaixo do seu nascente menos de um quarto de légua principia a ter moinhos que moem todo o ano em o sítio que chamam amieiros verdes, poe este sítio estar situado deles e terá neste sito dez ou doze rodas, e junto da ponte longa tem um pisão e duas rodas de moinhos, e junto da segunda ponte que é a dos frades, tem tres rodas de moinhos e moem estas todo o ano; de tal sorte que quando os anos vão secos, vem muito pão de cinco e seis léguas a moer a estes moinhos situados no Zêzere.”

É ou não imperioso que todos os nossos jovens, e historiadores também, saibam que foram os gregos que c. séc VI a. C. estiveram aqui, perto de Belmonte, a explorar estanho, e trouxeram pedreiros e architectos que conheciam já o número de ouro, do pentagrama e das proporções e os Preceitos da Ordem Dórica da Architectura Grega, que ainda podem ser lidos nos “restos” da “enigmática” Torre, Património da Infância da Humanidade ?

Investigando, soube que os Túrdulos, do Reino dos Tartessos e os do reino dos Cónios, que desde o Séc XII a.C. povoam a Lusitânia, vieram e fundaram neste séc. VI a.C. o rosário de povoados que ainda estão nas beiras da Serra, e que na Bétia – entre o Anas e o Bétis – eram, conforme disse Estrabão, já bons produtores de vinho e de azeite e, presunção lógica, devem ter trazido dos seus primitivos reinos as respectivas plantas e o saber faze-las frutificar?

É belo levar este conhecimento às nossas escolas, dizer-lhes o que foi e os porquês do Nascer da Europa. O património cultural, foco de atracção, exerce enorme fascínio espiritual.

Investiguei a “Enigmática Torre de Centum Cellas” – paradigmático protótipo da Ordem Dórica da Architectura Grega - cerca de 1989.

Mas só há pouco tempo é que me apercebi de que Centum Cellas, construída por uma Sociedade Esotérica dedicada à exploração do estanho e do ouro, veio da Magna Grécia – Santuário único de um largo conjunto de Templos respeitantes à Ordem Dórica da Architectura Grega, onde pontificou Pitágoras, na cidade de Cretona, vindo de um estadia de c. 30 anos no Egipto – onde conheceu o número de ouro e a divina proporção.

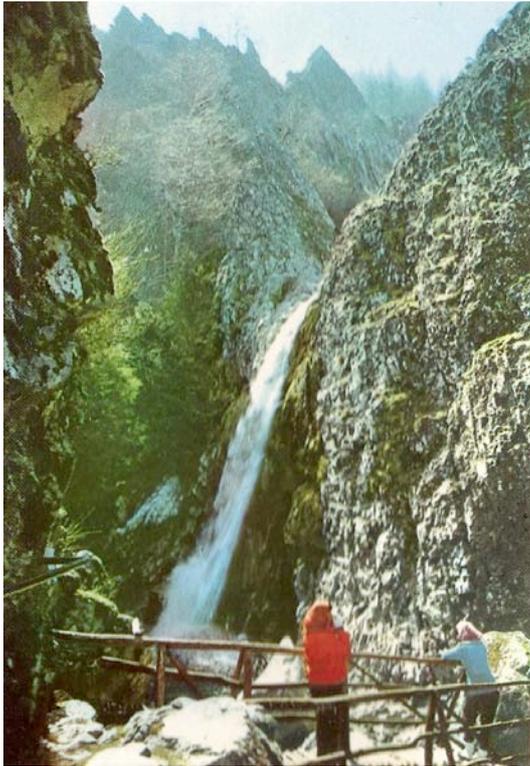
E, dedução lógica, os engenheiros que usaram no sec. VI a.C. o granito e a rija madeira de carvalho, então abundante, devem ter subido ao alto da Serra, pelo belo vale em U que o Glaciar, no Quaternário, abriu do alto dos Cântaros à vila de Manteigas, onde o Zêzere , em ângulo recto se direcciona para Centum Cellas e daí, novamente quase na perpendicular, para a Cova da Beira.

Lá no alto, da base de três enormes fraguedos – “onde a Terra acaba e o céu começa” (Camões); e os pastores dizem: as águias fazem ninho – nascem três rios: O Zêzere, o Mondego e o Alva.

O Sítio é surpreendente: Camões disse mais, junto a uma pequena pirâmide, que D. João VI mandou construir, para perfazer os 2.000 metros:

“eis aqui, pétrea crista da cabeça
Do monte todo e assim de Portugal;
Onde a terra se acaba e o céu começa
E onde a frígida aragem é fatal.
Esta ditou João que estabeleça
A mor elevação do Natural,
Mas que suba à medida e senhoril
A termine na casa dos dois mil
Esta é a ditosa Serra nossa amada,
De gente forte, abrupta maravilha;

... ..



Esta é a bela **Cascata do Poço do Inferno**, lugar paradisíaco, num pequeno troço de cinco quilómetros, perpendicular à estrada que das Caldas de Manteigas, sobe paralela ao troço superior do Zêzere.

À pujança das espécies vegetais, bem adaptadas ao meio, sucede a nudez de penhascos dantescos, serpenteando a estradita, agarrada à encosta. Aqui, como testemunham duas senhoras de garridas vestes, à cor cristalina da água da ribeira, saltando do alto e cavando à milénios fundo poço, mesclam-se os muitos tons verdes das grandes árvores aos musgos e os escuros ou cristalinos dos cumes e rochedos.

Porém, para que a jusante, esta ribeira corra para o rio já mais suave, com belas trutas e sáveis até à grande barragem do Castelo do Bode, onde produz energia; e depois, por gravidade, abastecer Lisboa ...

Para que assim seja, o salto da ribeira necessita ter a montante, belos carvalhais que trepam até grandes altitudes, soutos, pinheiros, urzes, demais biodiversidade que possibilite a infiltração da água das chuvas e dos nevoeiros e brisas marítimas, que sobem aos Cântaros.



In “Árvores e Florestas de Portugal -Açores e Madeira – A floresta das ilhas; Coordenação Editorial de Joaquim Sande Silva.

São estas brisas marítimas que na Madeira como nos Açores condensação e alimentam a pujança vegetal, a lauri-silva. Belas e pujantes.

Maravilhados também ficaram os referidos engenheiros de Centum Celas, de tal modo que acharam por bem baptizar os três enormes fragedos, de onde jorram bicas de água que dão origens aos rios, com os nomes de **Kāntháros**, palavra que é grega, mas também da língua Pelasga-Atlante de nossos avós, que nos a legaram.

Trata-se de uma subtil metáfora, em que os gregos eram mestres, de que só se pode tirar partido, nos dias de hoje, em que a síntese que as placas ou imagens proporcionam, *in loco*, são mais eficazes que as páginas dos livros.

A nossa Serra das Estrelas tem dois atractivos: a neve nos meses de Inverno e o fresco nos restantes meses, com o possível alpinismo e as Termas, associadas a uma variada Indústria do Turismo Cultural. Estou a lembrar-me do para-pente, em Linhares da Beira.

Porém, o expoente maior da valia desta Serra está no seu ecossistema, nas possibilidades intrínsecas que, apesar do isolamento que a lonjura do mar lhe impôs, ela apresenta como Território Museu, A mãe de água do País de onde partem as bacias hidrográficas do Côa, do Mondego e a do Zêzere.

Recentemente a Câmara Municipal de Manteigas candidatou ao Concurso das Sete Maiores Maravilhas da Natureza, no nosso País, o célebre Vale em U que vai daquela Vila ao alto da Serra, mas não referiu os Kanthãros – “onde a Terra acaba e o céu começa” e onde, dizem os pastores, as águias fazem ninho.

De futuro e já, com o reconhecimento da Universidade, o referido conjunto, a “Enigmática “Torre de Centum Celas e o Primitivo Templo de Almofala, na Rota Lusa do Ouro e do Estanho, do séc. VI a. C., *genuínos Paradigmas da Ordem Dórica da Arquitectura Grega* devem ser eleitos Património da Humanidade.

E, como tal, preservados e assinalados, numa Indústria de Turismo Cultural de que tanto carecemos e que tão bem se enquadra nos ecossistemas que a bela Serra da Estrela e as suas beiras, tanto carecem, no seu quinhão de valorização do País.

“A Serra da Estrela é a mais elevada cordilheira portuguesa; é o prolongamento da espinha dorsal da Península; é a divisória das duas metades de Portugal, tão diversas de fisionomia e temperamento; é afinal como que o coração do País – e acaso nas suas quebradas e declives, pelos seus vales e encostas, demora ainda o genuíno representante do lusitano antigo; se há um tipo propriamente português; se através dos acasos da história permaneceu puro algum exemplar de uma raça ante-histórica onde possamos filiar-nos, é aí que o devemos procurar.”

Este pensar de Oliveira Martins, autor da “História da Civilização Ibérica” está correcto, conquanto a sua obra traduza a falta de informação, só quebrada em finais do século passado.

25 . 1 – A TOPONÍMIA E O MUNDO HITITA NO III – II MILÉNIO

“Em toda a história europeia antiga a língua é o signo, a marca daquilo a que se chama “nacionalidade” e, para além da língua, é impossível apurar um critério de identificação exacto” “de facto seria necessário ignorar toda a filologia sânscrita e indo-europeia para chamar arianos aos germanos.”...

... “A Europa não deve ser avaliada em termos de raças, mas de línguas e de etnias.”

Fr. Le Roux e Cristian-J. Guyonvarch in “A Civilização Celta” ed. E. América, 1999.

O estudo histórico da origem dos nomes das localidades é primordial, mas o investigador não deve também esquecer que Haeckel criou a palavra *ecologia* para designar a ciência global das

inter relações dos organismos com o seu mundo ambiente (exterior) no qual se incluem, *latu sensu*, todas as condições de existência.

E, posteriormente, Transley utilizou o termo *ecossistema* para designar o conjunto de organismos vivos, animais e plantas, os componentes físicos e químicos do meio ambiente ligados por trocas energéticas complexas.

Língua, ecologia e ecossistema ajudaram -nos a desbravar conhecimento, partindo de dados objectivos, bem implantados à flor da terra.

“Pensamos que são os homens que dizem as palavras;
e se for ao contrário, as palavras é que dizem os homens”

Han Shaogong,

Cerca do início do II Milénio as comunidades do Neolítico da Anatólia são invadidas pelos Hititas dando-lhe unidade política, criando uma federação de cidades-estado, tendo o Rei Hattusil I reconstruído a antiga cidade de Hattusa de onde operou incursões para o Sudeste e para o Norte da Síria.

Alguns homens, com capacidade de ver e de acção, em todos os tempos ansiaram por conhecer o mundo em que viviam e ... mais mundo, com fins comerciais, políticos ou de aventura. A eles devemos as grandes e pequenas migrações que podemos ler em primitivos mapas e desenhos, exarando o conhecimento de então.

Na “História da Cartografia Portuguesa por Armando Cortesão, da J.I.U., Coimbra, 1969 encontrei um Mapa-Mundi (reconstruído) de Anaximandro ou de Hecateu, séc.V a.C. e o Mapa-Mundi (reconstruído) de Dicearco, séc. III a.C...

Diz-nos, o muito útil trabalho de Armando Cortesão:

“Por conseguinte parece-nos, tanto quanto nos é permitido depreender dos clássicos, que foi na Iónia – onde ”se fizeram as primeiras tentativas racionalistas para descrever a natureza do mundo” – que o filósofo Anaximandro de Mileto (n. 610 a. C.) fez a primeira carta grega de que temos informação, Fig. 15. Seguiu-se-lhe o seu concidadão Hecateu (c. 550-c. 475) e, cerca de um século mais tarde, Demócrito de Abdera na Trácia (n. 460). Não pode haver dúvida de que o mapa-mundi do filósofo Anaximandro, embora muito elementar e conjectural, foi considerado pelos sábios gregos contemporâneos como uma grande e importante descoberta. O mesmo tem acontecido através da história da ciência e da história em geral com tantas outras descobertas, que agora nos parecem tão simples e óbvias mas que exigiram cérebros privilegiados para serem realizadas e foram sempre “coisa de maravilhar”.

Atente-se na invenção das rédeas, dos estribos, da ferradura e da roda – invenções com um impacto fabuloso na mutação humana, que estou tratando.

Coisas de maravilhar sim! Pois é mais este mapa a dizer-me, textualmente, que naquela data consideravam, para lá da Colunas de Hércules, uma região povoada pelos Tartessos e, no *extremum mundi* europeu, os Celtae. Se fosse redigido pelo nosso arqueólogo J.A. colocava no Norte os Luenos, Suerbos, Bárcaros, Nemetatos, Túrdulos Velhos, Quarquernos, Narbasos, Equesos, Turodos, Interâmnicos, Luancos, Celernos, Zoelas. (Distribuição dos povos pré-romanos em Portugal, Segundo Alarcão, 1974. Pág.134, “História de Portugal”.Dir. João Medina, Vol. II).

Do número infinito de comunidades, poucas contam para o processo histórico, conta sim o que de novo deixaram, o seu contributo positivo para o mundo que os homens fazem.

Assim pensa Atkinson:

“A matéria-prima da Pré-História não são os homens mas as coisas”

25 . 2 – A ERA DOS “ SEA PEOPLES”

Só hoje, Fevereiro de 2006, compreendi a Era dos “Sea peoples”, com a emissão transmitida pelo canal TV História, divulgando os resultados das últimas investigações realizadas em Creta e nas Cíclades.

Eu tinha já uma frase egípcia dizendo que, nessa Era, *“as ilhas vomitaram a civilização que então tinham”*.

Mas, muito bom historiador tomou a frase no sentido figurado. E foi das entranhas da terra que, em sucessivos sismos, durante milénios, antes e depois desta data e até aos nossos dias, as falhas sísmicas da região expõem todo o seu poder ígneo. Desta vez coube a Creta e às Cíclades.

Creta tinha então uma civilização de cidades e palácios, parte das quais escapou soterrada e, com as recentes escavações, volta a ver a luz do dia. A referida emissão também mostrou no alto de um morro, rodeado de escarpas dantescas, os “restos” uma cidade de uns bons milhares de habitantes, que ali se refugiou, certamente com mais medo dos “Sea peoples” do que dos vulcões.

Quem eram os “sea peoples”?

Agora é fácil intuir que são bandos de “abutres” locupletando-se com o que ficou nas zonas afectadas e, uma vez bem organizados, atacando os vizinhos Egípcios, que os repeliram.

Na Federação de cidades-estado do Reino Hitita do III- II Milénios fugiram, apavorados.

A Grande Calamidade atingiu toda a Anatólia, aí provocando durante décadas total desorganização social e êxodos.

Sucede que, entre os antepassados gregos se contam os Dórios, das montanhas da Tessália, rodeadas de rios, férteis portanto, que no III e II milénio, construíram o centro dos mistérios órficos,

c. Séc VIII a.C., implantaram, com os sacerdotes proto-gregos a Ordem Dórica da Arquitectura Grega – com a Varanda alpendrada de colunas de carvalho, a árvore do seu bosque sagrado em torno do Megaron rectangular, com lareira central, chaminé no topo do telhado, e átrio de entrada – dizendo a sua origem, em climas frios, de montanha...

O Templo é decalcado da casa. O primitivo, o *megaron* sem janelas, com o átrio com duas colunas in antis, e depois, na Grécia o Partenon, com o peristilo a toda a volta.

As suas cidades eram já duas largas ruas principais, com a ágora – praça pública central, no alto da colina. É um tempo de mudanças profundas: a cidade sucede aos clãs, com Conselho de Anciãos (boule) e Assembleias do povo (ecclésia), eleição dos chefes.

A vaga Dórica, numa primeira investida destrói Gla na Beocia e Pilos, mas Micenas resiste; depois c.1200, “cobertos de ferro” saqueiam Micenas, Tirinto e Argos.

A grande perturbação causada pelos “sea peoples” e pelo poder dos Dórios, armados com espadas de ferro, levou à migração Aqueia para a Ásia Menor, de 1200 a 800 a.C.

É aqui, na Anatólia, neste período, que com toda a sua pujança floresce a migração grega e, com ela, o advento do helenismo. Esta poderosa migração encontrou certamente já populações instaladas, recebendo a Norte na Mísia, junto a Tróia – o Helesponto, ligando o mar Negro ao Mar Egeu – Aqueus e Eólios.

Vejo a N do Helesponto, na Trácia, um grande rio denominado...Hebro, desaguando no mar Egeu, junto à cidade de Dorisco! A onomástica, na Anatólia e na **Ibéria**, nome dado pelos Hítitas à região das nascentes do Tigre e do Eufrates, o nome de **Constância** de uma cidade a Sul do Delta do Danúbio, o de **Nisa** e de **Kale**, no mesmo meridiano, lá mais para Oriente; o de **Tróia, Galícia, Caria, Cádes, Ofir, Alfirim, etc** diz-nos que, também aqui, na Anatólia Hítita, a nossa língua se expandiu.

Mais uma informação: o nome de **Anas e de Bétis**, dado pelos Tartessos, no séc. XII a.C., aos rios Guadiana e Guadalquivir, na sua língua Hítita, resulta da colonização destes povos, naquela data, bem como da dos Cónios para o Reino Cónio dos Algarves, expulsos pelos “Sea peoples” da Federação de Cidades – Estado Hítita do III-II a.C.

O nome de um general dessa Federação, que tomou a cidade hoje, Kónya, a Sul da Anatólia, a NO de Tarsa, actual Tarsus, era **Annitas**; baptizou a cidade de Kouwanna. Daqui, deduzimos que a nossa tia Ana e a prima Anitas tiveram como padrinho avoengo um general hítita. E, também... que os Tartessos, terão vindo da cidade de Tarsus, também do Reino Hítita.

A história, de facto, não se pode fazer só com a arqueologia; a etnologia, com o estudo da língua, costumes, onomástica, evolução, firma melhor as condições de relação que levam a uma outra investigação.

Desculpem-me este parêntese onomástico, que noutro capítulo desenvolverei, mas que desde já nos elucida donde vieram os Iberos.

No centro da Anatólia, junto à ilha de Samos, nas mesopotâmias dos rios Meandros, Caístro e Hermo, onde surgirá esplendorosa a cidade de Mileto, entreposto entre a Ásia e as rotas do Mediterrâneo ficam os Iónios. Depois, na foz do Caistro, edificam Éfeso.

É aqui, com Talles de Mileto e seus discípulos, que a filosofia e as ciências adquirem, pela primeira vez, o seu estatuto de global racionalização, com o modo grego de pensar.

A colonização de Mileto, com o tempo, vai até ao Norte, contornando o Mar Negro, com um rosário de cerca de oitenta cidades satélites – terras de ouro e abundantes em variadíssimas espécies de peixe, com destaque para os cardumes de atum.

A Sul, na Cária, fixaram-se os Dórios.

Os Hititas, de Si (self) ariano, chegaram à Anatólia, a actual Turquia Asiática, cerca de 2.000 a.C. e viram absorvidos os seus domínios e civilização c. 1200, pelos Frígios e, mais tarde, pelo Império Persa.

Tal como sucedeu na nossa Lusitânia Primitiva, ao ocuparem o território, assimilaram as culturas autóctones e aculturando-se, criaram uma federação de cidades-estado.

Já atrás havíamos referido que a vizinhança com o Egipto nem sempre foi pacífica. Com eles travaram a célebre batalha de Kadesh, em 1275, profusamente gravada no Templo de Karnac; e Plínio, o Velho, na sua monumental obra “ A História Natural”, que também versa Arte da Guerra, a esta batalha se refere.

Tinham códigos de conduta e de costumes, as cidades eram defendidas por colossais muralhas de paredes de granito e torres de vigia, comerciavam o cobre, chumbo e prata, em longas caravanas, para a Síria, tendo como moeda barras e argolas de prata.

A sua cavalaria, armada de arco e flecha, os seus famosos carros de combate eram o seu trunfo guerreiro. A língua era maioritariamente indo-europeia, na estrutura e vocabulário; usando também o acádio, escrevendo com hieróglifos e símbolos cuneiformes.

Uma outra faceta desta civilização é o refinamento nas suas obras de arte, com destaque para o tear ibérico e a feitura de tecidos, a ourivesaria, produzindo delicada filigrana e os célebres torques, fios de ouro enrolados em cordão, produzindo as braceletes e os colares – **os torques são símbolos da ascensão social, os mais ricos tesouros da nossa ourivesaria, profusamente exumados na Lusitânia.**

Encontrei o mais belo destes torques, nas páginas da História da Humanidade, da UNESCO: foto 38: Colar de ouro com incrustações de esmalte verde e azul. Kul-Oba, séc. IV a. C. (cortesia do Museu Hermitage. Federação Russa). A particularidade deste torque é que ele pode simbolizar o Nascer da Europa, a tese deste meu trabalho.

O colar pode simbolizar os dois percursos do Si (self) ariano: cerca do III Milénio pelo Danúbio, Norte da Europa, Pirinéus, Lusitânia Primitiva, indo pouco além das Colunas de Hércules e o outro percurso: o dos migrantes Hititas c. séc. XII a.C. pelo Mediterrâneo, rumo a Cades.

É do fechar destes dois percursos que nasce a Europa. O torque referido tem, no fecho, dois garbosos cavaleiros, frente a frente, montando dois belos e não menos ufanos cavalos; o ponto de encontro é...*at Lusitania ... que mare Atlantiquum Spetat.*

25 . 3 – O REINO DOS CÓNIOS E O IMPÉRIO DOS TARTESSOS

*“Nunca se puode fazer la stória duã Tierra se num houbir papels
I cousas achadas que proben la berdade.”
(dito Mirandez)*

Há um estudioso, pouco querido no seu tempo, a quem tenho de prestar homenagem, pela rara lucidez pré-romana, entre os nossos investigadores.

É Rogério de Azevedo e dele só conheço o trabalho “Mapa Comparativo dos Alfabetos de Algumas Inscrições Ibéricas” (Separata do “Boletim Cultural” da Câmara Municipal do Porto, Vol. XXVII - Fasc.1-2).

Diz-nos: “A existência do Império Tartéssio, conhecida apenas pelas notícias transmitidas pelos livros Sagrados e por Homero, é um exemplo da carência de provas circunstanciais se considerarmos apenas *provas* os objectos palpáveis. Onde estão essas provas à cata das quais A. Schulten, incansável e benemérito Arqueólogo, consumiu a maior parte da sua longa existência? *Micenas* reapareceu no século passado e *Pilos* há meia dúzia de anos. Afirmar-se *a priori* que na mais alta antiguidade a influência grega foi nula por não aparecerem templos, ou outros materiais, como testemunhos capazes, é ignorar que os gregos também tiveram a sua pré-história e que a sua escultura não foi sempre a de *Fídias*...

“Se a civilização romana assentou na helénica, já avançada, que se foi apagando com as adaptações do usurpador, que importância pode ter essa ausência como testemunho, se ela, no caso sujeito, era ainda incipiente e se temos o idioma que perdurou nas cidades, nas etnias, e nas divindades polinómicas?”

Também S. Reinar, nos diz:

“O povo para adoptar tais nomes polinómicos exige que saíam da linguagem usual. Se, por esta razão, se pode ler, no culto de certo período, a mitologia dos períodos precedentes, por extensão se pode adivinhar quais foram os seus criadores e qual seria a sua língua.”

Façamos uma pausa neste responsável discurso, para informar que essas aludidas *provas* investiguei-as eu na “Enigmática” Torre de Centum Celas e no Primitivo Templo Grego de Almofala, ambas da Ordem Dórica da Arquitectura Grega, c. séc. VI a.C. e, até ao final do século passado, tidas por romanas, pelo IPPAR.

Voltemos a Rogério de Azevedo, que tem ainda muito para nos dizer:

“Um *Império* com a importância da *Tartéssia* não podia ter nascido dum jacto. Os Turdetanos, ou Tartéssios, reputados como os mais sábios dos seus povos, possuíam uma literatura que lhes permitia arquivar a história dos antigos tempos e que, segundo o que “A expansão helénica foi muito maior do que o suposto. Foi grandiosa na Ásia Menor, na Itália, na Ibéria e no Sul de França.

Esta dispersão tão evidenciada leva-nos a recordar a talassocracia cretense e os misteriosos Pelásgicos, ousados navegadores e vagabundos a que, desde a antiguidade se procura descobrir as origens mas que, apesar de tudo, ainda não foram encontradas.

O referido trabalho de Rogério de Azevedo "...rompe com um mapa comparativo, onde se condensam os diversos caracteres extraídos das inscrições interpretadas."

Justificação e prova do trabalho realizado, criticando asperamente investigadores que neste campo, "impunemente, perpetuaram e abonaram abstracções" explicitando-os.

"Estrabão conta maravilhas da literatura e cultura dos Tartéssios e dos Túrdulos. Os progressos, porém, mais notáveis por aqueles feitos, desde o séc. VI a.C., na arquitectura, na cerâmica e na escultura, devem-no à influência dos gregos." (Gonzaga de Azevedo)

25 . 4 – A LUSITÂNIA PRIMITIVA E A CIVILIZAÇÃO MEGALÍTICA

Esta foi Lusitânia, derivada
De Luso ou Lisa, que de Baco antigo

Filhos foram, parece, ou companheiros,
E nela antam os íncolas primeiros.
Camões; Lusiadas, Canto III

A Lusitânia Primitiva tem por ecossistema aquela Finisterra, de entre-os-rios que pormenorizadamente descrevi: estuários paradisíacos de grandes e médios rios que, do Minho ao Tejo "carregado de ouro", do Sado ao Guadiana, desde os tempos dos glaciares carregam lodos, formando uma rede hidrográfica muito rica em fito e zooplankton, cedo densamente povoada pela deslumbrante vida piscícola e vegetal – esta condizente com as condições edafo-climatológicas predominantes. Foram estes os primeiros grandes povoadores.

Encantados com o território, os primitivos habitantes terão sido os *Pelagos*, vindos do norte de África em tempos muito antigos, daqui passando à Sardenha e Mãe Egea, como já referi.

Estes primeiros povoadores ou seus descendentes deixaram gravado nas rochas da Terra Quente do Douro as Pinturas Rupestres de Foz-Côa, uma mensagem Universal de elevada qualidade artística; na mesma época (há cerca de 20 -15.000 anos) gravaram idênticos testemunhos no Tejo, junto às Portas de Rodão.

E depois, já quando a antropologia europeia beneficia da vinda do Si (self) ariano, este veio encontrar nas grutas de Aurignac, Niaux, Combarales e Altamira, pinturas parietais, verdadeiras pinturas que respiram potência "grandes manchas, finas de contrastes dignos dos mais reputados e inovadores mestres da actual idade artística" (V.G.)

É neste ecossistema, do Norte da Europa que os Pelagos-Atantes da Sardenha se encontram, na Idade do Cobre com os gauleses vindos das estepes da Euro-Ásia, Danúbio acima, rumo às planícies da Gália, à Normandia – onde teve lugar a Primeiro Dia D da Travessia da Mancha, festivamente comemorado, com os Egípcios, carentes do estanho, já mestres no trabalhar o granito nos seus túmulos subterrâneos – prolongados posteriormente em degraus, nas primeiras pirâmides.

Pouco depois, com o erguer de Stonehenge e do Corredor de Menires de Carnac, nasce a denominada Civilização Megalítica, documentada com antas e menires em todo o Atlântico Norte, da Madeira a Terras da Holanda e Báltico.

Porquê esta ousada afirmação.?!

25 . 5 – DOIS MUNDOS QUE SE CRUZAM, CONFUSÕES QUE PROVOCAM

“Só uma filosofia libertadora, rigorosamente dialéctica, que reconheça honestamente a prioridade e a necessidade da matéria como o primeiro fundamento de toda a organização humana e como referência a todos os valores espirituais, só uma tal filosofia pode educar e enriquecer os nossos sentidos e levá-los a penetrar a complexidade da obra de arte e abarcar a totalidade.

V. Gilardoni

O Si (self) ariano que caracterizei, com a ajuda de A. Damásio, é um impulso vital para a acção e o combate e devém europeu – da potência ao acto.

Tal como sucedeu no século XV com os Portugueses, é a curiosidade que impulsiona a abertura para o mundo, o fascínio pelo desconhecido. Diz Oliveira Martins: “A necessidade de acção: eis aí a causa primária, fundamental das Descobertas.”

Das descobertas dos Portugueses e as das etnias do Si (self) ariano também.

Bons cavaleiros, com um insuspeitado poder de mobilidade, senhores de uma civilização milenar, com novo modo de pensar e de agir, em vagas sucessivas e durante séculos, procuram paisagens mais amenas, ocupadas desde há milénios nos vales ubérrimos de entre-os-rios do Crescente Fértil, de toda a Europa e do Indo.

A estabilidade das comunidades do Neolítico é, comparada com a fúria ariana, sinónimo de vulgaridade e de rotina. Eles, Arianos, trazem inovação, mobilidade, ardor guerreiro e facilmente devem ter conquistado os corações das moçoilas das comunidades visitadas ou conquistadas. Eram altos, loiros, bem constituídos, ágeis cavaleiros – razões onde fundamento uma presunção lógica.

E, assim, vejo a razão pela qual os arqueólogos não detectaram estas *condições de relação*, fundamentais, pois são do domínio da Biologia, da continuidade da espécie.

Cruzam-se as etnias nos dois sentidos vernáculos do termo! E desse cruzamento vem o Si (self) europeu, que ainda deve fazer parte do nosso temperamento, do nosso ADN.

Imbuídos do fascínio da aventura espiritual desta mutação humana, os povos têm a consciência colectiva que liberta o homem do medo, da angústia, vivendo uma conquista fundamental na assimilação e adaptação a esta nova vida comunitária, de ordem, trabalho e progresso.

Nós podemos enriquecer e completar a informação possível deste tempo, também, encaminhando-nos pela arte, que a civilização megalítica e a sequente Europa Antiga produziu – a ourivesaria da Lusitânia Primitiva e a da Lusitânia Helénica é de uma riqueza extraordinária, dela fazem parte os célebres torques hititas e não encontro razão por que deles não arrancaram história.

Não estou só, quando considero que “os povos Ibéricos aparecem à cabeça do ramo latino da raça ariana”. Já D. Juan Valera o escreveu.

Vale a pena referir palavras recentes de João Ferreira do Amaral em “*Os Filhos de Caim e Portugal*” Ed. Quetzal, 2004. Na Introdução do seu inovador trabalho, diz-nos:

“Continuamos a considerar que existe muita confusão hoje sobre o papel das migrações de povos na história antiga. Muitos historiadores e arqueólogos tendem a subvalorizar estes fenómenos, argumentando que as migrações não têm importância, porque não há normalmente registo de

mudanças das características étnicas dos corpos encontrados pela arqueologia, pelo que o fundamental para analisar o que se passou numa dada região será sempre esquecer as influências externas e olhar para a continuidade da população.

Julgo ser errada esta visão. Desde que há registos históricos que a mobilidade de povos é uma constante. E o erro está em supor que pelo facto de não serem maioritários os povos que migravam (de facto quando um povo chegava a uma região constituía normalmente um pequeno número relativamente aos povos que já lá estavam), como aliás a arqueologia quase sempre confirma, as migrações não tiveram importância. Esta é a grande falácia que encontramos em muitos livros de história sobre este período.

Pelo contrário. Um pequeno número de emigrantes pode ser suficiente para mudar radicalmente a sociedade e as instituições culturais e económicas da região para onde emigram apesar desta poder estar muito povoada. Haja em vista o exemplo das invasões bárbaras do império romano ou as colonizações europeias na África e na Ásia. Alguém conseguirá compreender o século V na Europa esquecendo o punhado de invasores bárbaros ou o século XIX em África sem a meia dúzia de europeus colonizadores?

A falácia antimigrações tem o seu quê de obscurantista, pois com base num mero preconceito não fundamentado acaba muitas vezes por enviesar completamente a compreensão do que de facto se passou.

A Primeira Parte deste trabalho tenta combater esta falácia e fazer justiça à enorme importância das migrações de povos nos 1200 anos que vão da Sargão de Acad à guerra de Tróia.”

Também estou a ajudar a esclarecer a história do Si (self) ariano, do cavalo e da roda, da língua sânscrito centum, na mutação humana que fez nascer a Europa.

Creio que fui feliz ao adoptar a designação de Si (self) ariano para designar as muitas etnias das comunidades da civilização das estepes e dos oásis, falantes de línguas sânscrito, tendo domesticado o cavalo e inventado o freio, o estribo e a ferradura, a roda e o carro; altos, loiros, de olhos azuis, aventureiros, prezando a vida do espírito, o primado da arte, da ordem, do homem, como a medida de todas as coisas; vindos da Euro-Ásia, em séculos e séculos de invasões, por vezes conhecidos como *as serpentes das montanhas*, miscigenaram-se nas prósperas civilizações dos vales dos grandes rios, no Neolítico.

As palavras – chave são: o Si (self) ariano, que com a ajuda de A. Damásio defino; a língua, o cavalo; a mobilidade que tais meios proporcionaram; a miscigenação – **mistura de gerações** – nas múltiplas migrações, neste nascer da Europa, tão mal estudado.

É o facto destes *ventos do Oriente* serem mal conhecidos – só a partir da colonização inglesa da Índia ficamos a saber, pelos seus capitães, que o Si (self) ariano também passou por lá, criando os Vedas e os Upanishades – é este facto que deve ter levado os nossos historiadores e arqueólogos, a atitudes e afirmações que hoje são postas em causa, como, outro exemplo, o empolamento dado ao papel dos Fenícios na nossa pré-história.

É curioso que também eu, ao concluir que Centum Celas e o Templo de Almofoala são Ordem Dórica da Arquitectura Grega – tidos pelo IPPAR como romanos (estes são casos paradigmáticos da Velha Arqueologia; a Velha e a Nova, assunto tratado por Ana Margarida Arruda em *Cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim, Ed. Colibri, 1997*) – também, ao chegar aos pré-socráticos disse para comigo: tudo cresce a partir de alguma coisa! ...de onde veio esta filosofia de vida, este modo grego de pensar?

Foi então que cheguei ao Si (self) ariano, aos Vedas e aos Upanishades – um deslumbramento! Antes de ler a Odisseia de Homero, historiando os Ciclopes, desconhecendo que eram Pelasgos-Atlantes que colonizaram a Sardenha e todo o “Egeo-Pelasgo.

Tratemos o empolamento dado aos Fenícios:

Novamente com a Arqueóloga Ana Maria Arruda, in *História de Portugal, Dir. João Medina, ed. Clube Int. do Livro*.

“ ... De facto, a datação proposta pelos autores clássicos (Veleio de Patérculo, Estrabão, Plínio e Mela), para a fundação da colónia fenícia de Gadir (actual Cades), e naturalmente para o início dos contactos fenícios com o extremo Ocidente (1104 ou 1103 a. C.), continua, por motivos vários, a não ser sustentável. Não serão, certamente, os dois pequenos fragmentos cerâmicos micénicos de Córdova que permitirão falar de navegadores fenícios no Mediterrâneo Ocidental no século XII a. C.

Por um lado, as cronologias que se têm vindo a obter para os níveis arqueológicos com espólios orientalizantes das áreas urbanas de Cádiz, Málaga, Huelva e também das fundações fenícias da costa andaluza, não são anteriores aos inícios do século VIII a. C. Por outro lado, sabe-se que é apenas no reinado de Hiram I (meados do séc. X a.C.) que Tiro se torna uma potência política e naval, tendo começado a sua expansão para Ocidente apenas nos finais do séc. IX a. C.”

...”A implantação da colónia fenícia de *Gadir* (a actual cidade de Cades) em zona com facilidades portuárias, dominando uma importante enseada que facilitava o acesso directo ao Guadalquivir, é um importante dado a reter. A sua situação geográfica, na costa ocidental da Andaluzia e próximo do reino dos Tartessos, é particularmente significativa no que diz respeito à exploração da riqueza em metais da área compreendida entre o Guadalquivir e a região de Huelva.

Os autores clássicos repetidamente referiram a riqueza em prata do reino dos Tartessos, inferindo-se através do texto de Diodoro que Gadir, e a prata tartéssica que daí se exportava, poderiam ter sido responsáveis pela riqueza de Tiro e, em grande parte, pela instalação das colónias de Mediterrâneo Central (África, Sardenha e Sicília)” ...

“A sua fundação e sobretudo o seu sumptuoso templo dedicado a Melkart, são minuciosamente descritos. E uma das informações transmitidas por Diodoro, porventura a mais importante, diz respeito às suas funções e objectivos. *A fundação de Gadir teve, assim, como objectivo único o comércio.*”

Tentemos construir, meditando.

Numa conferência proferida no Museu de Arqueologia, em 99.05.07, pelo Prof. Giovanni Garbini, catedrático de Filologia da U. ROMA, La Sapienza”, este professor afirmou que Cades não é palavra fenícia.

Não é provável que Veleio de Patérculo, Estrabão, Plínio e Mela tenham errado, ... até prova em contrário.

Tal como, segundo Heródoto, o primeiro grego a chegar a Tartessos foi Colaios, comerciante da ilha de Samos, no mar Egeu, cerca de 630 a. C., assim, cerca do séc. VIII a. C. **um desgarrado** comerciante fenício aportou a Cades.

Cades (de Kadesh, cidade hitita, onde hititas e Ramsés II lutaram, como está profusamente documentado em Karnac) cidade do Reino dos Tartessos, foi fundada por estes neo-hititas, vindos cerca do séc. XII a. C. para estas férteis terras entre o Anas e o Bétis, pois assim baptizaram, na sua língua, o Guadiana e o Guadalquivir. São os homens dos torques, símbolos de posição social dos Hititas e seus descendentes, de que a Casa do Tesouro do Museu de Arqueologia, nos Jerónimos, está cheia.

Os Fenícios voltaram e, **respeitosamente, negociaram**; não tinham então capacidade para conquistar os Tartéssios, bons cavaleiros armados de arco e flecha e, certamente carros de combate. Eram gente civilizada, trabalhando já o ouro e a filigrana, com uma filosofia de vida em milénios experimentada.

Reforçando este meu parecer, atentemos neste texto de Gilbert e Colette Charles-Picard – “A Vida Quotidiana em Cartago, no Tempo de Aníbal”, Ed. Livro Brasil:”

“Os dois primeiros séculos de Cartago são deveras obscuros....

“Começos difíceis e medíocres sem dúvida: no século VIII e na primeira metade do VII, o poderio de Tiro molestada, sem interrupção, por Sargão, Senaqueribe, Asarhadão, declina antes que a colónia africana tenha adquirido forças para assegurar o ressurgimento.

Os Gregos aproveitam este eclipse: de 750 a 500 poderão, sem fazer face a uma resistência muito forte, fazer afluir milhares de imigrantes à Sicília oriental, donde expulsam os Fenícios, ao sul de Itália, à costa provençal, e mesmo, à Andaluzia e à Cirenaica. Cartago, entretanto, sabe que não pode contar senão consigo; reforçada, várias vezes por refugiados que fogem da metrópole cercada, reagrupa para uma resistência comum todos os colonos dispersos, desde Lixos e Cades, para além das colunas de Hércules, até Malta, passando pela Sardenha e a Sicília ocidental.

“ A partir do séc. VIII a.C., os navegadores de Rodes e dos Jónios percorreram em todos os sentidos o golfo de Lião. Em 630, o Samiano Colaeos, açoitado pela tempestade deste mar do Egipto, redescobre, por sua conta, os Tartessos (Heróroto): recebe o melhor apoio de Argantónios que procura evidentemente todas as ocasiões para escapar à influência fenícia.”

...” Colaeos trouxe para Samos uma magnífica cratera de bronze e um lucro de venda das suas mercadorias que lhe assegurou a opulência até ao fim dos seus dias: isto confirma que os Tirios tinham mantido cuidadosamente o câmbio da prata à taxa mais baixa.”

“ O sucesso desta viagem contribuiu, sem dúvida, para atrair os Focenses para a Provença. Marselha, recém fundada (600) escalona por sua vez as suas colónias ao longo de toda a costa gaulesa e espanhola. Argantónios, fiel ao filo-helenismo, concedeu-lhes o lugar de Mainaké, a actual Málaga. Gregos e Fenícios encontravam-se deste modo num pé de igualdade absoluta.

Cerca dos meados do século VI, os Jónios, compelidos pela ameaça persa, pensaram numa emigração maciça para a Sardenha, e os Focenses tentaram instalar-se na Córsega. Esta perspectiva inquietante contribuiu, tanto como a tomada de Tiro por Nabucodonosor (574), para transferir para África a hegemonia sobre todas as colónias fenícias do Ocidente. Desde o princípio do século VII tinham compreendido a necessidade de opor ao fluxo contínuo dos gregos um povoamento de maior importância.

... “A superioridade dos Gregos era tal neste domínio (mediocridade da indústria púnica) que o rigoroso bloqueio exercido pela marinha cartaginesa, não impedia os Bárbaros do Ocidente de quererem estabelecer ligações directas com eles.”

...”Diodoro, cujo testemunho concorda com tudo o que sabemos dos usos fenícios, afirma que os comerciantes levantinos frequentaram por muito tempo os portos tartessianos antes de ocuparem, para aí permanecer, uma feitoria vizinha da costa.” ...“o engodo deste lucro imediato cegou-os acerca das consequências da sua acção, e os povos que contavam para sempre como clientes foram enfim os verdadeiros beneficiários dum tráfego que estimulava a sua actividade económica. Esta preferência e este erro iam decidir por longos séculos da sorte de Tiro e de Cartago.”

”O único rei de Tartessos de que conhecemos a personalidade, o sábio velho Arganthonios, que reinava na segunda metade do século VI, aparece como um soberano perfeitamente independente na sua política externa.”

A história não se faz só com a leveza dos cacos arqueológicos, é coisa bem pesada...

As intervenções do IPPAR em Centum Celas e Almofala devem ser consideradas paradigmáticas e, como tal, ponderadas.

Quem eram os Fenícios...

“as regiões costeiras habitadas pelos Fenícios nunca formaram um estado centralizado. Renan escreveu que a Fenícia nunca foi um país, mas sim uma série de portos, cada um deles com predomínio sobre a sua parte do território costeiro. Mas estes estados em miniatura colocavam o comércio acima de qualquer outra consideração e a sua política foi, portanto, dominada pelos seus interesses económicos. Por esta razão, os Fenícios não quiseram de forma alguma deixar-se arrastar para uma guerra. Comerciantes manhosos, preferiam ver “de que lado sopravam os ventos”, dobrando-se aos pés dos seus poderosos vizinhos, reconhecer a soberania e pagar-lhes tributo. Passaram portanto para o domínio do Egito e depois dos Hititas.

Em seguida, o Egito e a Mesopotâmia conheceram um período de decadência. Os Hebreus puderam, portanto, estabelecer-se na Palestina sem encontrar oposição, tornando-se pouco a pouco uma potência importante. E os Fenícios puderam desenvolver ainda mais o seu poderio comercial. Vieram então os conquistadores assírios e o poderio dos Fenícios começou a declinar, tal como o dos Hebreus. Além disso, os Fenícios consideravam os Gregos os seus mais temíveis concorrentes.”

...”A natureza forçava os Fenícios a dividir-se em muitos pequenos Estados. O mar constituía o elo de ligação natural entre todas estas comunidades. Os dois portos mais importantes eram Sidon e Tiro” “Todo o Mediterrâneo se tornou, portanto, o terreno de caça dos comerciantes fenícios; nas numerosas feitorias que instituíram praticavam com os autóctones um comércio de troca. Mas os mercadores não se davam por satisfeitos. Marinheiros corajosos e empreendedores, foram ainda mais longe, ao longo das costas de África e da Europa, até “às ilhas do estanho” – provavelmente a Espanha do Noroeste, talvez mesmo as ilhas Scilly, no extremo sudoeste da Inglaterra.”...”Os poemas homéricos prestam homenagem aos Fenícios pela sua habilidade artística, mas descrevem-nos como rematados trapaceiros.”

É assim que Carl Grimberg, in História Universal, Ed Europa-América, 1940, ajusta melhor a participação dos Fenícios, reduzindo, também, o seu papel na criação do alfabeto, à luz de novos conhecimentos.

Para lá do comércio e da pirataria – actividade que perdurou no Mediterrâneo e no Atlântico até para lá do Infante D. Henrique ... – os Fenícios fundaram Cartago ... em 814 a.C.

Hanão, “o filho bastardo do grande general Aníbal que esteve tão perto de destruir Roma.”, nas suas memórias diz-nos, em “Cartago” de Ross Leckie, ed. Lyon, 2001:

“ A acusação de sermos mendigos itinerantes também não está de acordo com as muitas especialidades que Cartago deu ao mundo e aperfeiçoou. Vejamos a agricultura, por exemplo. Um distinto Cartaginês, Margão, escreveu um tratado de vinte livros sobre o assunto há duzentos anos. Os próprios Gregos o reconheceram como o pai da lavoura. Cartago permanece o celeiro do Mediterrâneo, rico igualmente em vinhas e oliveiras, rebanhos, um local fértil com muitas herdades que se estendem por centenas de milhas desde aqui, a leste do Cabo Bom e para o interior, a norte, sul e oeste.

Ou consideremos a navegação. Anos antes de os Romanos terem sequer as suas embarcações no Tibre, o meu homónimo Hanão completou a circum-navegação da África. Tenho aqui o seu relato. Agora a frota romana é poderosa, sem dúvida, e qualquer coisa de temível. Mas qual deles admite que as suas galeras foram copiadas das galeras cartaginesas que capturaram no porto de Siracusa durante a primeira guerra? E foi com os marinheiros e comerciantes cartagineses e gregos que os Romanos aprenderam a ciência do mar e das estrelas. Aquilo ...”

Sublinhei o *agora... hac hora* – é um princípio fundamental de um estudo, antecedente lógico de uma conclusão que o investigador deve ter sempre presente.

Uma outra nota de interesse quanto às muralhas: “Está tudo ao que parece nas juntas. Como é que se juntam pedras talhadas tornando-as impenetráveis aos golpes dos aríetes, mesmo os que eram levados por navios como os que Alexandre usou contra as muralhas de Tiro? ... o pai de Esfílax tomou como modelo o trabalho de Dionísio de Siracusa e a sua grande muralha de Epípolas que ninguém jamais deitou abaixo. ...

Os engenheiros de Dionísio – os seus nomes, infelizmente, estão perdidos para nós – desenharam uma parede de casamata, se o meu púnico está correcto, aquilo a que Esfilax chamou uma inovadora “maçonaria em cadeia”: a intervalo de três a seis metros, pedras rectangulares alternavam com blocos travados e pedras colocadas em comprimento. Os blocos travados atravessavam a espessura da muralha até à parede em ferente, ligando as duas paredes e tornando-os, insistia Esfilax, “fortes como rochedos”. Os muros de Cartago são feitos da mesma maneira.”

É-me grato encontrar esta autoria de Dionísio, pois Vitruvius, Livro II, cap. VIII, pág. 49, (31), explicando a gravura VI diz-nos: esta gravura contém as sete espécies de alvenaria. AAA é a estrutura malhada, chamada *reticulatum*. CC, é a outra espécie de estrutura em ligação, que Vitruvius chama “a estrutura dos gregos”.

No Primitivo Templo Grego que exumei em Almofala, Figueira de Castelo Rodrigo encontrei, no pódio, este tipo de estrutura: fiadas regulares de isódomo, trabalhado de forma rectangular com muito rigor, seguido de silhar (pedra lavrada com duas faces quadradas, dispostas perpendicularmente à parede, travando-a e produzindo belo efeito).

Curioso é que, a poucos quilómetros de distância, uma das Torres de Pinhel, foi construída com este mesmo tipo de estrutura, na qual foi enxertada ... uma janela manuelina.

Na civilização castreja existem vários tipos de aparelhos da pedra: o chamado aparelho helicoidal (poligonal) da Citânia de Briteiros, o detalhe da muralha de Sabroso e o do balneário do Castro de Safins está, também, no muro poligonal do Santuário de Apolo em Delfos (548 a.C.) e junto da capela do Tesouro dos Atenienses, também em Delfos.

E o aparelho de ressalto ritmado, por camadas horizontais do muro do Castro de Orjais, bem perto de Centum Celas, está, também, nos muros de Egostena, no Golfo de Corinto e em Priene, na fortaleza de Eleuterias, barrando a estrada de Tebas para Atenas.

A arte é a mesma e o tempo também.

Voltemos a Cartago. Numa outra carta preservada entre os papéis de Catão: “Tenho de me apressar. Muito do material que termina o meu mosaico já está em ordem. Mas, seleccionar aquilo que cobre os acontecimentos intercalares vai levar muito tempo e isso é uma coisa que eu não tenho. Depois de Corinto, tenho que acompanhar a frota romana em busca das Cassitérides, essas ilhas nebulosas a oeste, das quais Cartago durante muito tempo retirou o seu estanho e prata e muita da sua riqueza, independentemente do que dizem os tratados.

A rota que leva até lá é uma coisa de que Catão nunca conseguiu certificar-se e que eu descobri entre os papéis que encontrei após a destruição de Cartago. Estou ansioso pelo Atlântico. Dizem que, para lá das Colunas de Hércules (sim, insisto na forma grega do seu nome), o mar já não é azul mas negro. Veremos.”

“Esta foi a minha primeira impressão de Cartago; o familiar, o desconhecido, o bizarro. Os muros, as ruas, as casas davam forma ao vaso; no interior ele escaldava e fervia. As pessoas pareciam vir de todos os cantos da terra.

“Grandes e pequenos, gordos e magros, velhos e jovens, havia alguns tão negros como o ébano, castanhos como a terra; dourados como melões; amarelos como o milho; tão brancos como o alabastro, tão macilentos como uma casca de azeitona. Tinham os cabelos de todas as cores, algumas que eu nunca vira antes, ruivos, vermelhos e louros. De Cápula estava habituado a togas, túnicas e aventais, todos numa estreita gama de tons de branco e de castanho.

“Quando a ruela desembocou no imenso largo do mercado, as diferentes cores e feitios do vestuário eram um desafio para os meus sentidos. Vi uma mulher negra e graciosa, com os

pequenos seios atrevidos e nus, pulseiras douradas nos braços, levando uma puma à trela. Havia músicos, bufões, trabalhadores, comerciantes, homens agachados em grupos mastigando aquilo que eu vim a conhecer como bétel e que alguns chamam noz arega, outros chunam, e tudo isto crescendo numa cacofonia de som enquanto as pessoas regateavam sacas de noz moscada, passas de uva, cebolas, alho e grandes ou pequenos tabuleiros com folha de gálbano, incenso, costo, nardo e mirra.”

O livro termina com a queda de Cartago e o comportamento de Cipião. Depois da queda da cidade, a carnificina e o comportamento com as mulheres? ” Muitas ainda o não eram” é das descrições mais hediondas e bestiais que devem, em todos os tempos, ter ocorrido.

Estamos no ano de 146 a.C., os romanos são, em breve, os novos senhores da Europa. Talvez porque:

“ni el oro, ni la plata, ni el cobre, ni el hierro nativos se han hallado en ninguna parte de la tierra tan abundantes y excelentes” como na Península Ibérica (Estrabão) ...

“Las minas hasta la llegada de los Bárquidas, em torno de 238 a.C., estuvieron en manos de los indígenas, probablemente de los reyes Turdetanos, que las explotaban directamente y intercambiaban los metales por las “preciosidades” mencionadas por Homero, que seriam joyas, telas, aceite, vino, marfiles, etc.” pág. 68 (5)

“Em 504 a.C. Sapho, um dos melhores generais de Cartago, era governador da Lusitânia, e deixando este governo a seus dois primos, Hanon e Hymilkon, marchou em socorro de Carthago, ameaçada pelos romanos. Chegando Sapho a Carthago, descreveu ao senado as prodigiosas riquezas da Península Ibérica, e a república mandou logo para cá o general Giscon (irmão de Hanon e de Hymilkon) com grandes forças, para a total conquista do país; se o não dominaram completamente, conseguiram extorquir-lhe grandes riquezas.”

“ No ano de 414 a.C. veio Hanon governar as Hespanhas, pela república. Com ele **vieram muitas famílias gregas**, fugidas à guerra do Peloponeso; estabeleceram diversas colónias na Lusitânia, principalmente entre o Douro e o Minho; para onde trouxeram a civilização do seu país.”

“Em 389 a.C. uma nau, guarnecida e tripulado por gregos (então inimigos dos Cartagineses) foi tomada junto ao cabo de S. Vicente, e Maharbaal, longe de os considerar cativos, lhe deu um vasto território n’aquela província, onde consta que eles fundaram uma colónia, que veio a ser florescente, e uma cidade (Carteira) que o mar alguns séculos depois arruinou.” (16)

– “AS CRUZADAS VISTAS PELOS ÁRABES”

AMIN MAALOUF / DIFEL , Lisboa

“Contar a história das Cruzadas, tal como foram vistas, vividas e relatadas no outro campo, ou seja do lado árabe.”

Testemunhos de historiadores e cronistas da época...

” Foi em Julho de 1099 que os Frange se apoderaram da Cidade Santa, após um cerco de quarenta dias. Os exilados ainda tremem todas as vezes que falam disto, e o seu olhar imobilizado, como se ainda vissem à sua frente esses guerreiros louros, cobertos de armaduras que se espalhavam pelas ruas, sobre em riste degolando homens, mulheres e crianças, pilhando as casas saqueando as Mesquitas. Quando a matança parou, dois dias mais tarde, já não havia um só muçulmano entre os muros.

A sorte dos judeus de Jerusalém não foi menos atroz. Defenderam-se, depois partiram para a sinagoga onde os Frange os queimaram vivos.”.

Julho de 1096 foi a vez de Constantinopla, os Frange foram então destroçados. Em 1097 voltaram,” já não se trata de bandos de pilhantes andrajosos, mas de autênticos exércitos de cavaleiros pesadamente equipados”. Matá-los-emos até ao último.”

1098 – “Durante três dias eles passaram as pessoas ao fio da espada, matando mais de cem mil criaturas e fazendo muitos prisioneiros.”..

“Todos os que informavam à cerca dos Frange viram neles animais que têm a superioridade da coragem e do ardor no combate, mas nenhuma outra, do mesmo modo que os animais têm a superioridade da força e da agressão.”

...”Uma terrível fome atormentou o exército em Maara e pô-lo na cruel necessidade de se alimentarem dos cadáveres dos serracenos” (dos Frange, em carta ao Papa.)

Maara era a terra de um dos maiores vultos da literatura árabe, Abul - Ala al-Maari(fal.1757) que diz:

“O destino despedaça-nos como se fossemos de vidro, e os nossos cacos nunca mais se ressoldam.” E ainda:

“Os habitantes da Terra, dividem-se ao meio: os que têm cérebro e nenhuma religião, e os que têm uma religião, mas nenhum cérebro.”

– A VALIA DE UM PARQUE ECOLÓGICO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Se os elevados quantitativos da radiação solar incidente no nosso território, entre equinócios, forem recebidos por um coberto vegetal-bosque, pinhal, souto, vinha, campo de cultura ou simples pastagem - esse quantitativo energético produz matéria orgânica e frutos, desenvolvendo-se no solo complexa actividade de macro e micro organismos que transformam a matéria orgânica aí existente e aceleram os ciclos do carbono e do azoto, dando pujança ao coberto vegetal, fechando o ciclo da vida.

Nos sistemas ecológicos, em equilíbrio dinâmico há milénios, a folha verde é o único ser auto trófico, isto é, capaz de criar a biomassa de que directa ou indirectamente todos os seres vivos se alimentam. Todos os seres vivos nascem, crescem e morrem, entrando depois no ciclo da vida por bio degradação. Este ciclo faz com que a floresta em solos por vezes pobres, mas com boas condições de humidade ao longo do ano, produza uma vegetação exuberante.

A vida não é mais do que uma forma de movimento da matéria.

Em África, perto da floresta tropical, a savana é caracterizada por uma estação seca prolongada, clima semi-árido, escassa cobertura vegetal, sob a forma de bosques, separados por campo aberto. Quando as chuvas começam a paisagem muda abruptamente, rebentando em borbotões toda a natureza, então luxuriante.

Neste ambiente natural, é grande e variada a carga animal que suporta: elefantes, zebras, javalis, chacais, abutres, herbívoros e carnívoros partilham a savana imensa, cada qual com o seu campo predilecto de aprovisionamento de alimentos.

A ocidente, massas de ar tropical marítimo mantêm a floresta densa húmida, onde evoluíram os pongídeos - gorilas e chimpanzés com numerosa fauna, bem adaptada à vida estável e farta que o poderoso ecossistema proporciona. A leste, no cenário da savana, não longe da floresta densa húmida, onde terá deixado os seus antepassados avoengos, encontrámos os nossos parentes *Australopithecus afarensis*, de há quatro milhões de anos.

“O homem surge-nos assim, num belo dia de há três o quatro milhões de anos atrás, na África, com traços de um primata de savana seca, bípede, omnívoro, oportunista, astuto e prudente, artesão e sociável, dentro em pouco consciente e religioso”. (Yves Coppens)

Caminhando de pé, com um regime alimentar já omnívoro, “devendo ao uso das suas mãos boa parte da sua inteligência” fabrica instrumentos essenciais ao seu modo de vida, obtém maior desenvolvimento do sistema nervoso central, evoluiu; ao longo de séculos a selecção natural, fixando os mutantes melhor adaptados ao meio ambiente, torna-o apto a construir elos de ligação mais estáveis com o seu semelhante.

É a partir daqui, da África Central, que o *homem erectus*, caçador recolector, nómada e organizado em grupos, inicia a sua dispersão pelo mundo, há cerca de um milhão de anos. Há cem mil anos, já *homo sapiens*, encontra-se na Europa, e há vinte mil anos, em Vila Velha de Ródão e nos vales quentes do Rio Côa, tem já arte de transpor para a pintura rupestre o seu sentir.

Referimos esta caminhada para salientar quanto o homem, desde sempre, esteve irmanado com a natureza. O homem é o mais belo fruto da natureza.

A luz do seu espírito ergueu o homem ao conhecimento racional, ao recente progresso das ciências, à melhor compreensão da vida, ao amor pela natureza. Todos os impérios e civilizações, que ao longo de milhares de anos aperfeiçoaram o homem e as comunidades, tiveram como causa do seu declínio a delapidação dos recursos naturais, base da sua alimentação e desenvolvimento.

A destruição, por vezes irreversível, dos recursos renováveis da vegetação, da fauna e do solo, conduz à erosão, à má qualidade da água que bebemos e do ar que respiramos, à conspurcação dos rios e dos estuários - estes santuários para a reprodução de tanta espécie - pondo em causa a sobrevivência de uma biosfera apta ao desenrolar da vida.

O ambiente é o ar que respiramos, a água que bebemos, as plantas que restam das florestas que deixamos queimar, as espécies animais que ainda não exterminámos, os campos, os rios e as serras de que não cuidamos.

Um generalizado desconhecimento das leis que regem a vida da natureza, o crescimento desmesurado dos centros urbanos e o abandono dos campos, tornou difícil de suportar a vida sem natureza de muitos agregados citadinos.

Daí que se imponha a protecção do mundo rural, a replantação dos campos com Parques, bosques e formações vegetais, para que o coberto vegetal proteja e melhore o solo, absorvendo a água das chuvas, transformando a energia solar e o anidrido carbónico na energia química potencial dos compostos orgânicos que cria.

Aprendemos já que o homem não pode viver dissociado do meio ambiente que o suporta. Mentalizemos os jovens e as elites e toda a população para tal facto e para o respeito que nos devem merecer todas as formas que a Natureza ainda nos oferece.

Num projecto de educação ambiental, da melhoria das condições de bem-estar cidadão, integrados no desenvolvimento da região, devemos incluir a criação de Parques Ecológicos, junto às nossas cidades e vilas, para que nas suas alamedas, fontes, caminhos à sombra ou ao Sol de Inverno, novos e velhos possam passear a pé ou de bicicleta, respirando ar puro no contacto íntimo com a natureza, ouvindo o melro ou a carriça entoar trinos à alegria de viver.

Entendemos por Parque um espaço, englobando rio ou pequena linha de água, perto do agregado urbano, com uns bons hectares de terreno onde se possam plantar pequenos bosques de carvalho negral, soutos de castanheiros, pinheiros e outras espécies indígenas, não esquecendo o belo prateado fosco da oliveira, que durante todo o ano realça a beleza dos jardins da cobertura do Centro Cultural de Belém ou os da frente dos Jerónimos; o conjunto tratado por mão de mestre, ao longo dos anos e das gerações.

Como a ecologia é a ciência global das relações dos organismos com o seu mundo exterior ambiental, no qual se incluem em sentido lato todas as condições de existência, num Parque ecológico, o meio ambiente, a paisagem diversificada que soubermos criar e a vida do homem entrelaçam-se.

O Parque ecológico é para usufruto e aprendizagem. Nele tem lugar as referências e memórias do passado: o lagar de azeite, embora adaptado a casa de chá; a azenha, a pontaria ou nora, o picanço ou burro, a roda hidráulica para a rega ou para produzir força motriz, que herdamos dos muçulmanos, a casa típica das inúmeras quintas, de um passado que não volta e que interessa guardar.

Também enriquecem o parque os lagos, miradouros, o parque infantil e alguns campos de jogos; bom e retirado restaurante e campo de merendas, amortecidos pelos renques de árvores; zonas de sombra, zonas de floresta, zonas de Sol; sala de leitura, centro de educação ecológica, centro de compostagem, juntos aos viveiros municipais, flores, água, o brilho do sol reflectido nos fluxos de água da cascata ou do repuxo, ou coado pelos ramos das altas folhosas; uma fonte para descender os caminhantes e os melros que também tenham elegido este parque como seu.

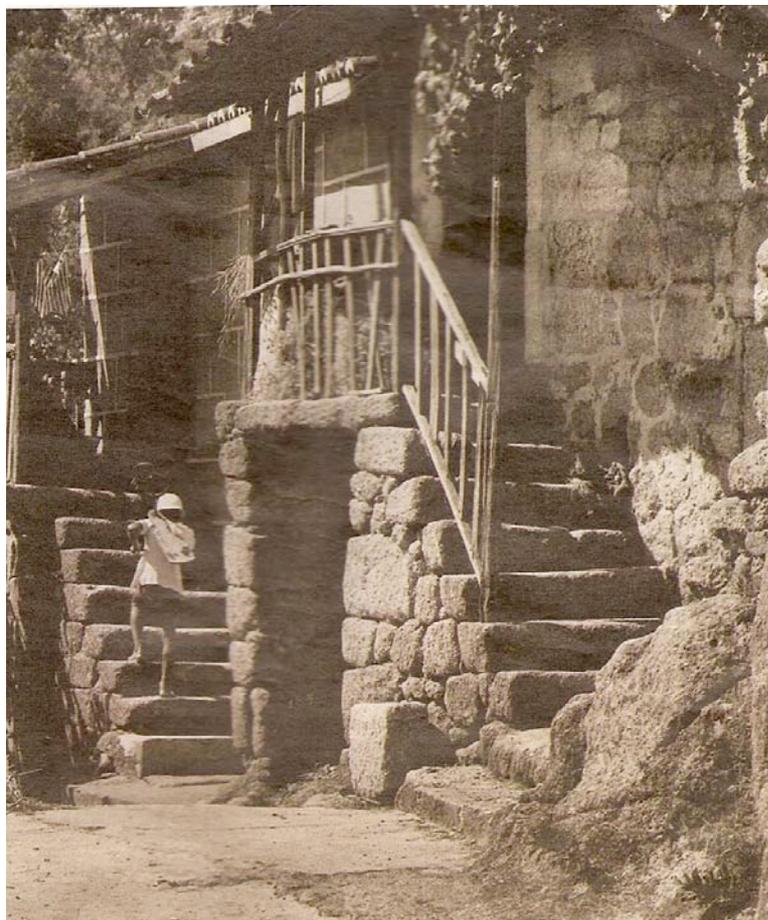
Criar um Parque Ecológico é tarefa de anos e de gente entendida, por esta razão bom é começar com a aquisição dos terrenos e transferindo para lá os viveiros municipais, entregando depois o

projecto a um paisagista devotado. As entidades oficiais estão dispostas a colaborar e, neste caso, elas são diversas.

Assim haja querer e a lembrança de que é muito triste as nossas entidades municipais terem passado anos, decénios e até séculos sem se importarem com o plantio de árvores e bosques. E, no entanto, trata-se de um notável contributo prestado às populações, à educação da juventude, à fraternidade do convívio, ao bem estar, à cultura - entendida como capacidade para compreender a vida e as leis que a regem, comungando com a natureza de que fazemos parte.

“Esses semi-brutos irmãos pré-históricos, carne da nossa carne, ossos dos nossos ossos, rodeados pela imensa escuridão deste misterioso Universo, como nós próprios ainda estamos, nasceram e morreram, sofreram e lutaram. Abandonados ao crime terrível e a terríveis paixões, mergulhados na mais densa ignorância, presas de horríveis e grotescas ilusões, mas servindo com firmeza o mais profundo dos ideais na sua fé sólida de que a existência, sob que forma for, é melhor que a não existência, salvaram, sempre triunfalmente, das garras da destruição sempre eminente, o fanal da vida, que, graças a eles, ilumina hoje o mundo em nosso proveito”.

W. James



Duas casas numa aldeia das Beiras, no século passado. Minha mãe e meus avós, nasceram numa aldeia assim – o lugar do Ferro, frente à Covilhã, do outro lado do rio Zêzere. Nos meus oitenta e oito anos vivi neste Provincianismo, tendo em 1946 fugido para França e em 59 para Angola. Esta aldeia era privilegiada pois tinha a Praça semanal da cidade a c. 14 Km, onde vendia os excedentes.

Cada família tinha seu chão, consumindo o que semeava. Os que nada tinham, homens e mulheres davam os seus dias, com remuneração, aos mais abastados na época das sementeiras e das colheitas, sobretudo. ***“Do cerejo ao castanho bem me amanhã, mas do castanho ao cerejo, mal me vejo.”***

Hoje, dois terços do mundo rural morreu, importamos setenta por cento dos cereais. O Provincianismo atacou a elite dirigente, Salazar foi apelidado de tacanho e de Dinossauro Exmo. Foi porém eleito maior português de todos os tempos. Pela razão seguinte: tacanhos são os eleitores.

Temos de voltar ao mundo rural. Semear para colher, numa forte Indústria – **Mega Turismo Cultural**, tirando partido da nossa Proto-História, da privilegiada faixa Atlântica, porta de entrada da Europa.

!

Fui hortelão amador na França, em Angola e Paço de Arcos, até aos 84 anos.

Num dos meus livros, escrevi um artigo intitulado “O Eucaliptal, pirómotor da desertificação”. Os lucros das celuloses, não cobrem uns avos dos custos dos bombeiros e da desertificação.

É necessário cultivar o solo para que ele absorva a água das chuvadas e empregar e dar vida e trabalho estável a quem o não tem.

– AMAR O MAR, NA LINHA DO HORIZONTE

“Ah Portugueses...se nós soubéssemos quem somos!”
Almada Negreiros



In: Região de Turismo de Setúbal –e-mail : costa-azul@mail.telepac.pt / home page:www.visitcostaazul.com

Pangea – Grande massa continental que, por divisão, gerou os actuais continentes. Neste “Barbarium Promontórium”, à esquerda da foto, as arribas fósseis da Serra da Arrábida suportam as extensas praias da Costa da Caparica. No extremo desta a Angra de Ulisses, onde o rio Tejo se faz ao mar.
(Ver Odisseia Canto V. versos 440 e seg. – como Ulisses dobrou o Cabo Espichel)

Quem melhor descreve esta Outra Banda, frente a Ulissipo – então, c. séc XII a. C., na Hespérides dos pomos de ouro, que ia do actual Terreiro do Paço a Sete Rios, embora com um erro: tomando-a por ilha – é Homero; relatando uma caçada realizada por Ulisses e seus companheiros nesta Azóia da Serra.

In Odisseia Canto IX , v. 116 e seg..

Azóia significa território primitivo, sem ocupação humana, só com cabras selvagens. O Cabo, território com íngremes e alterosas arribas de rochas cristalográficas e metamórficas, indica o Poente, onde o Sol mergulha no terrível Rio Oceano. Para melhor conhecer a valia deste Cabo veja novamente a Odisseia: “Quando Ulisses só vê promontórios, arribas, rochedos com o mar bramindo” – Canto V , v. 400 e seg, - das páginas mais belas da aventura real de Ulisses :”

“Desviando-se donde a rebentação batia contra a costa, / nadou em paralelo, olhando para terra, na esperança de chegar a praias de ondulação lateral e angras de mar.” descrita por Homero, que certamente se baseou em escritos deixados por Ulisses.

Fiquei intrigado com esta ondulação lateral e angras do mar, pois a ondulação é normalmente paralela à costa. Consultei um marinheiro em Paço de Arcos que me elucidou: "**Chama-se Golada do Bugio** " De facto constatei que, na maré-cheia do Tejo a ondulação, entre a Costa da Caparica e o rochedo em que assenta a Torre do Farol do Bugio é perpendicular à praia. Ulisses nadando ao longo da costa encontrou a Angra, onde o Tejo se faz ao Mar.

Em, 25.06.2008, recebo a notícia de que a Odisseia permitiu datar, cientificamente, a queda de Tróia em 16 de Abril de 1178 a. C., a partir de quatro acontecimentos astronómicos e do eclipse, que Homero relata com exactidão! O feito é de Marcelo Magnasco, director do Laboratório de Matemática e Física da Universidade Rockefeller N.Y., publicado na Revista Proceedings of the National Academy of Science PNAS.

"Se considerarmos como exacto o acontecimento da matança dos pretendentes, o dia do eclipse, poderemos deduzir que todos os acontecimentos descritos na Odisseia são historicamente exactos."

Assim, sucedeu, após a queda de Tróia, o Descobrimento do Caminho Marítimo para a Hespérides dos pomos de ouro – no Mar de Ulisses, das Colunas de Hércules à Angra de Ulisses, onde o Tejo se faz ao mar e, daí à Hespérides – onde Ulisses dormiu a primeira noite. Tudo primorosa, poética e geologicamente relatado nas últimas páginas do Canto V, de qualquer Odisseia, em qualquer língua! Ulisses voltou a sua casa, assassinando os pretendentes de sua esposa, em 16 de Abril de 1178 a.C,

Este Finis Terra é lugar sagrado para erguer aqui uma réplica do Palácio de Cnosso – imagem da capa, construído 1.500 anos antes do Partenon!!! – onde não falem reproduções dos seus frescos e, no 1º Piso, os tradicionais, robustos potes de barro, como no Alentejo e nas Beiras, armazenando vinho, azeite, castanhas em leite de areia, como fazia meu avô. O plano do Palácio é extensível e outros espaços reservados à museologia devem ser ali construídos – para expor, por exemplo - a colecção de armas de Rainer Daehnhardt, que 1998 esteve exposta na Cordoaria. A estrutura existente, em ruína devia ser restaurada e coberta a vidro, evitando os ventos e aproveitando a água da chuva. Dela diz o Arq. Teotónio Pereira:"

"A estrutura fundamenta-se no vasto largo rectangular – o arraial – definido pelo plano da fachada da igreja e pelas duas alas paralelas... numa escala que se adivinha colectiva, mas não exclui a presença do indivíduo e fazem do largo um dos mais belos conjuntos da região, só com paralelo, já dentro de uma concepção erudita, ao Terreiro do Paço, em Lisboa." (transcrito em Viagens na Nossa Terra, in Selecções do Reader Digest Ed.1997)

HORIZONTE

*Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral, praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a serração,
As tormentas passadas e o mistério,
Abria em flor o Longe, e o Sul sidério
`Splendia sobre as naus da iniciação.*

*Linha severa da longínqua costa –
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.*

*O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp`rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte –
Os beijos merecidos da Verdade*

Fernando Pessoa